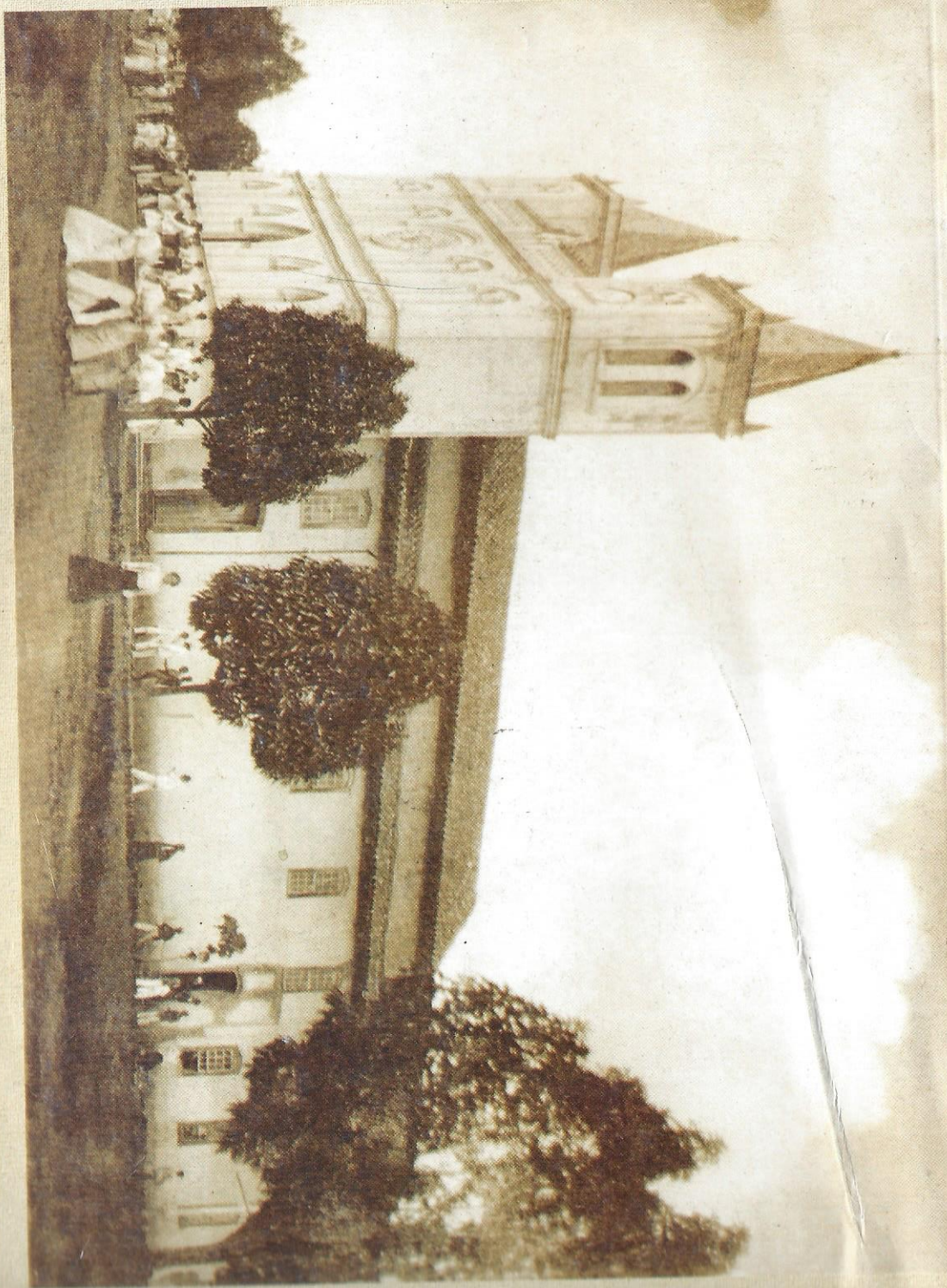
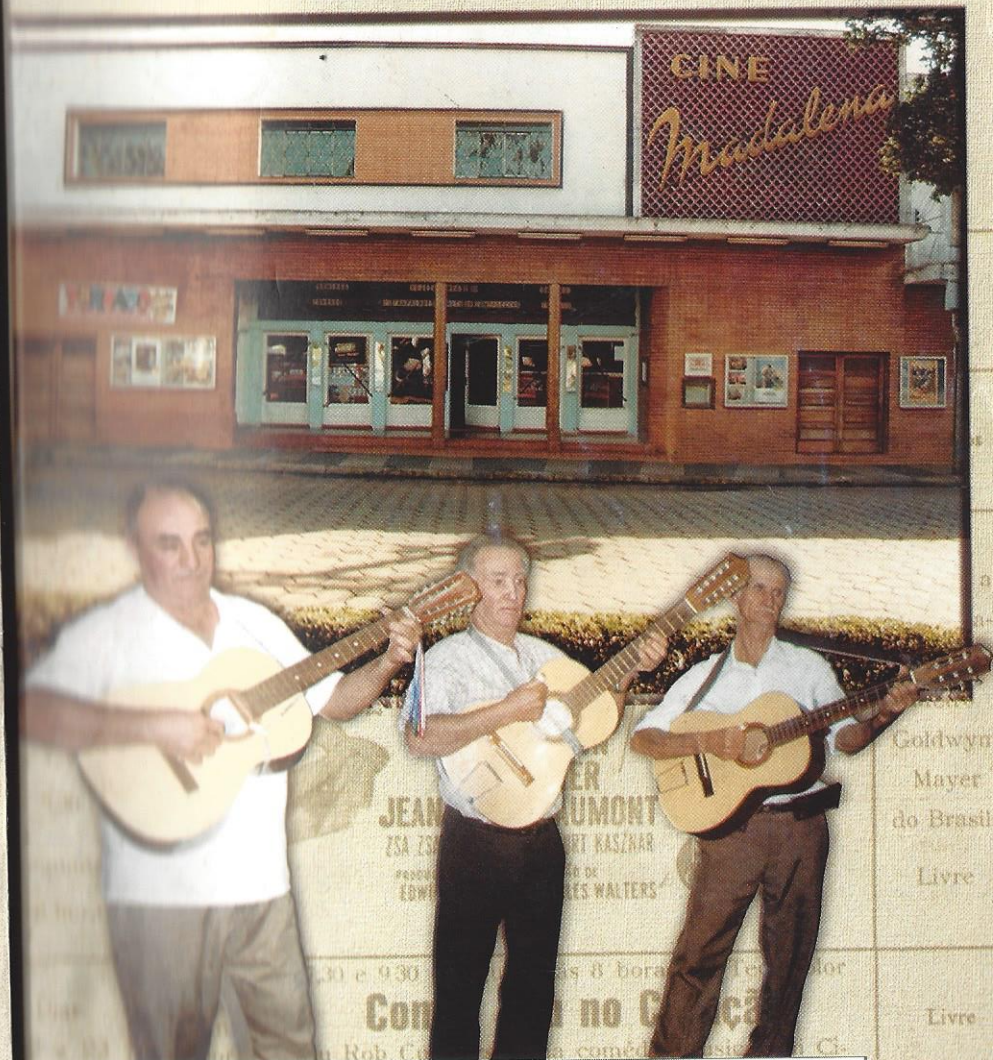




AMICUS

Sociedade Amigos da Cultura



AMICUS - Batatais-SP, ano V, nº 9 - maio/2004

Goldwyn
Mayer
do Brasil.
Livre

Livre

Livre

CinemaScope
Tony Curtis, Janet Leigh e Barbara Rush. Retrata c/ fidelidade
invejável a época turbulenta do Reinado de Henrique IV, Ing.

Editora «Folha de Batatais»

AMICUS

Sociedade Amigos da Cultura

AMICUS - Batatais-SP - Ano V - Nº 9 - pp 1 - 61

maio de 2004

ISSN 1518-4013

NOSSA CAPA:- Cine Madalena (Acervo Pedro Lázaro Teixeira)
- Programa Cine Madalena (Acervo Maria Auxiliadora Garbellini Enoch)
- Violeiros de São Gonçalo (Acervo AMICUS)

4ª CAPA - Igreja Matriz de Batatais - Início do Séc. XX
(Acervo Gaspar de Sousa Prado Neto)

AMICUS - Batatais-SP, Ano V, Nº 9 - maio/2004

SOCIEDADE AMIGOS DA CULTURA

AMICUS

Conselho Consultivo e de Editoração
Coordenador: Walter Cardoso

Membros: Gaspar de Sousa Prado Neto
José Carlos de Medeiros Pereira
Maria Clarisse Bombonato Prado
Mildred Regina Gonçalves

Conselho de Publicação
Coordenador: Sérgio Corrêa Amaro

Membros: Claudete Camargo Pereira Basaglia
Clotilde de Santa Clara Medina Cardoso

Para Correspondência:
Sociedade Amigos da Cultura
Pça. Cônego Joaquim Alves, 202
CEP 14300-000 - Batatais-SP
E.Mail: amicus@netsite.com.br

SUMÁRIO / CONTENTS

EDITORIAL

Fatos, articulistas & leitores 5

ARTIGOS / ARTICLES

Requalificação do Centro Histórico de Batatais segundo
preceitos de Educação Ambiental
Alessandra BALTAZAR 7

Dança de São Gonçalo, tradição cultuada em Batatais
Walter CARDOSO 22

Cine Madalena, a fábrica de sonhos
Pedro Lázaro TEIXEIRA 32

Criação de diocese em Batatais segundo o
Arquivo Secreto do Vaticano
Nainôra Maria Barbosa de FREITAS 39

A Anselmada: rebelião e conflitos locais
Mildred Regina GONÇALVES 43

Batatais nas memórias de Plínio Viana
José Carlos de Medeiros PEREIRA 50

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

DOS CORONÉIS À METRÓPOLE: fios e tramas da
sociedade e da política em Ribeirão Preto no século XIX
Walker, Tomas e Barbosa, Agnaldo de Sousa
Karina Elisabeth SERRAZES 55

Índice de autores 59

Normas para a apresentação de original 60

FATOS, ARTICULISTAS & LEITORES

Em certo programa de televisão, recentemente exibido em nossa região, douto historiador, pródigo em elogios, teve a bondade de comparar a Sociedade Amigos da Cultura a uma ONG de primeira grandeza. Agradecemos a gentileza, mas reconhecemos nossas limitações, pois somos apenas um grupo que, desinteressadamente, vem trazendo sua colaboração à cultura local, sobretudo através de AMICUS. Sempre tendo em mira que a boa narrativa de um evento histórico tem o condão de nos conduzir a um outro tempo, a uma outra visão de mundo, onde prevalecem outros valores políticos, morais, culturais, etc. Mesmo porque, se nada mudasse, nada haveria para se registrar.

Assim, ao ter apenas algumas breves páginas para tratar de um determinado assunto, o articulista deixa para o leitor — via de regra — um leque aberto de reflexões acerca do “sentido” a ser dado ao texto. Aliás, o autor e o leitor — ambos a um tempo sujeitos e objetos da narrativa —, mais do que se espelharem no acontecimento relatado, eles se confundem com este.

Tais considerações, quicá óbvias, parecem-nos oportunas, na medida em que nossos leitores encontram, nas páginas que se seguem, questões sobre as quais eles terão vivido suas próprias experiências.

Inicia-se com “Requalificação do Centro Histórico de Batatais, segundo preceitos de educação patrimonial”, onde se trata da formação urbana de Batatais, seu patrimônio arquitetônico e a forma de conscientização de sua preservação. Segue-se “Dança de São Gonçalo, tradição cultuada em Batatais”, texto que registra breve histórico do santo e sua devoção, em Portugal e no Brasil, e, certamente, seus reflexos em Batatais.

Em nossa cidade, também tivemos a saudosa era do cinema. É o que todos recordamos, quando lemos “Cine Madalena, fábrica de sonhos”. Continuando, estudo sobre a Anselmada. Embora o tema já tenha merecido a atenção de diversos estudiosos, trata-se de um acontecimento que sempre comporta novas considerações. É o que encontramos em “A Anselmada: rebelião e conflitos sociais”.

A singular figura do batataense Plínio Ramos Vianna, bem como seu tempo, suas andanças pelo mundo, rivalidades entre bairros e comércio local, estão registradas em "Batatais nas memórias de Plínio Vianna".

A criação da nova diocese, cuja sede se esperava que fosse Batatais, constitui-se em expectativa frustrada. Ante a consulta de documentação existente em Roma, a questão adquire agora mais clareza. É o que se registra em "Diocese de Batatais, segundo o Arquivo Secreto do Vaticano".

Finalmente, em Resenha Bibliográfica, sob o título "A Califórnia Brasileira em Perspectiva", trata-se do livro *Dos Coroneis à Metrópole: fios e tramas da sociedade e da política em Ribeirão Preto, no século XX*. Obra do maior interesse, para os estudiosos da história regional.

Como se vê, assuntos variados que sempre estimulam, cada um de seu lado, leituras paralelas.

Walter Cardoso
Coordenador do Conselho
Consultivo e de Editoração

REQUALIFICAÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO DE BATATAIS SEGUNDO PRECEITOS DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL*

Alessandra BALTAZAR**

RESUMO: Objetivos gerais de um projeto de Educação Patrimonial e sua aplicação no caso de Batatais, levando-se em consideração os primórdios da formação urbana da cidade, bem como seu patrimônio histórico. Nesse contexto, formulam-se propostas de atividades para a Requalificação do Centro Histórico de Batatais. **PALAVRAS-CHAVE:** Centro Histórico, Educação Patrimonial, Patrimônio Arquitetônico, Requalificação, Preservação da Memória.

1. Educação Patrimonial: fundamentos, objetivos e ação

Na Educação Patrimonial, o fundamental é o direito à identidade, o convívio do antigo com o novo e a manutenção da memória, como uma forma de conscientização social e preservação do patrimônio.

Nos últimos anos, podemos tomar conhecimento de um número crescente de projetos de revitalização para o centro das principais cidades brasileiras: Ouro Preto, São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba e Salvador. Tais medidas de resgate do centro das cidades é de suma importância para a construção da memória urbana e da cidadania.

Medidas como o tombamento¹ de edificações históricas não garantem a preservação do bem, sendo necessárias ações voltadas para a interação da população com o patrimônio a fim de se manter a integridade do patrimônio cultural².

As edificações de valor artístico ou histórico e as manifestações culturais da cidade são a nossa história viva e, portanto, é dever do governo assegurar a proteção e preservação do bem patrimonial em harmonia com as transformações provenientes do desenvolvimento social e econômico.

¹ Tombamento: nome lusitano cuja origem está relacionada à Torre do Tombo.

² Patrimônio Cultural: objetos, coleções, espécimes e sítios identificados por terem um significado artístico, histórico, científico, religioso ou social.

*Texto fundamentado em monografia apresentada no Curso de Especialização em Patrimônio: Teoria e Projeto (PUC - Campinas) em agosto de 2003.

** Arquiteta e Urbanista, formada pela UNESP, Campus de Bauru.

O principal objetivo do projeto de Educação Patrimonial é o de propor uma nova relação da população com seu patrimônio cultural, através da recuperação da importância do centro histórico e valorização do espaço público, visando à manutenção permanente das características originais do espaço urbano e à sustentabilidade do centro histórico.

A busca de uma relação afetiva com os lugares históricos visa inverter o estado de abandono e as ameaças de descaracterização de imóveis históricos, sem impedir que ocorra a adaptação de usos contemporâneos a imóveis preservados.

A preservação do patrimônio cultural é uma prática social, que consiste em um conjunto de ações que visam à recuperação e valorização do patrimônio, em função do interesse público e para o benefício econômico da cidade. Trata-se da implementação de propostas de revitalização que levam em conta a destinação social, maximizando o significado ao simples tombamento de edificações históricas, pois isto não garante a preservação do bem protegido, nem do ponto de vista da fiscalização e orientação técnica, muito menos da canalização de recursos públicos.

A Educação Patrimonial propõe uma nova relação do indivíduo, em face do patrimônio e das ações de preservação, como seminários, jogos, eventos, exposições e passeios para a divulgação do patrimônio nos mais diversificados setores da sociedade.

Corresponde a um conjunto de atividades integradas e constantes, que alertam o indivíduo da importância da preservação de sua memória e valorização da identidade da cidade.

Colocados, pois, os propósitos da Educação Patrimonial, examina-se, ainda que de forma sucinta, o histórico da formação urbana local.

2. A formação urbana de Batatais

A origem de Batatais está relacionada ao surgimento da rota para Goiás, em busca de ouro, entre fins do século XVII e início do XVIII. Diante da descoberta do ouro em Goiás, a metrópole portuguesa adotou a política da concessão de sesmarias para o controle do território e impedimento do contrabando.

Na "Paragem dos Batataes", foi criada, a 5 de Agosto de 1728, a sesmaria doada a Pedro da Rocha Pimentel, que com o passar dos tempos foi dividida em várias fazendas.

A "Freguezia³ dos Batataes", ou seja, a primeira formação de um povoado com aproximadamente 1.100 habitantes em torno de uma organização administrativa e ordenamento religioso, se deu em 25 de fevereiro de 1815, com o alvará régio de D. João VI, sob o orago do Senhor Bom Jesus da Cana Verde.

Passados cinco anos da institucionalização da Freguesia, foi aventada a sua transferência para outra localidade e, após constantes discussões sobre essa questão, a provisão de 25 de setembro de 1821 determinou a construção da nova Igreja Matriz no Campo Lindo das Araras, cujos trabalhos se iniciaram em 1823, em terras doadas por Germano Alves Moreira e sua esposa Anna Luíza.

A freguesia de Batatais foi subordinada ao município de Franca até o ano de 1839, quando se desmembrou, através da Lei Provincial n. 128, de 14 de março de 1839. Nesse dia, Batatais foi elevada a vila, o que significou a instalação de uma Câmara de Vereadores e conseqüente ampliação do espaço político.

Economicamente, o café surgiu na produção agrícola da então Vila de Batatais em 1873, e somente na última década do século XIX é que passou a ter um papel significativo na economia da cidade.

Em 1886, foram instalados os trilhos da Companhia Mogiana em Batatais, com a presença do Imperador D. Pedro II e sua esposa D. Teresa Cristina, para a inauguração oficial do tráfego ferroviário aos 25 de outubro do mesmo ano. Com o advento da estrada de ferro em Batatais, houve a introdução do tijolo no sistema construtivo e de novos materiais, como o ferro e o vidro, além da vinda de imigrantes italianos para trabalharem na lavoura e na construção civil.

Para a identificação da primeira formação urbana de Batatais, tomamos como documentos a planta da cidade em 1898, elaborada pelo engenheiro José Miederbrucher, sob a orientação do então Intendente Municipal Washington Luís Pereira de Souza (acervo do Museu Histórico e Pedagógico Dr. Washington Luís), as plantas de edificações encontradas no Arquivo Histórico da Câmara Municipal (1895 a 1930) e os relatos do memorialista José Augusto Fernandes em seu livro *Batataes de Outr'Ora* (1939), em que ele descreve as principais ruas da cidade com as denominações antigas:

³**Freguezia:** Freguesia era a circunscrição eclesiástica que formava a paróquia; sede de uma igreja paroquial, que servia também para a administração civil.

1872

Rua da Quitanda
Rua do Chafariz
Rua do Comércio
Rua de Cima
Rua de Baixo
Rua Direita
Rua do Outro Mundo
Rua do Castelo
Rua da Outra Banda
Rua do Theatro
Rua do Cemitério
Rua da Cadeia
Rua do Canto
Rua das Palmeiras
Rua Nova
Rua do Campo Alegre

2004

Rua Coronel Joaquim Rosa
Ladeira Dr. Mesquita
Rua Celso Garcia
Rua Coronel Pereira
Rua Sete de Setembro
Rua Coronel Joaquim Alves
Rua José Augusto Fernandes
Rua Marechal Deodoro
Rua Duque de Caxias
Rua Santos Dumont
Rua Barão de Cotegipe
Rua Prudente de Moraes
Rua Rui Barbosa
Rua Monsenhor Alves
Rua Senador Feijó
Avenida General Osório

É, pois, nesse contexto histórico que se encontra importante patrimônio arquitetônico, com seus valores, potencialidades e "tipologias".

3. Patrimônio Arquitetônico

O centro histórico de Batatais possui testemunhos preciosos do passado com valores históricos, estéticos e até sentimentais, que precisam de um tratamento adequado para o desenvolvimento de um melhor convívio da população com o seu patrimônio.

Dentre as potencialidades, podemos destacar a quantidade considerável de edificações históricas remanescentes das primeiras décadas do século XX e que permitem uma melhor aproximação do presente com o passado, além da existência de marcos como a Igreja Matriz e o prédio do antigo Asilo e Casa dos Pobres, que se destacam na paisagem e refletem a primeira formação urbana da cidade.

O levantamento do patrimônio arquitetônico edificado no centro histórico de Batatais identificou uma evolução da construção, com diversificadas "tipologias" e usos, podendo ser classificadas em palacetes, casarões de esquina, estabelecimentos comerciais, residências sobre porões, residências com alpendres, bangalôs, edificações simples e outras monumentais nos estilos neocolonial, neoclássico, eclético, déco, nouveau e moderno.

As primeiras edificações do centro histórico de Batatais apresentam porão baixo, alinhamento das fachadas, ocupação dos limites do terreno, sem recuo frontal e pequeno recuo lateral, simetria entre portas e janelas, vidro na parte exterior das janelas, telhado com a água da chuva para o quintal e para o passeio, quintal nos fundos, passeio público de lajes de pedras e programa simples (sala, dormitórios, cozinha e banheiro), sendo seu acesso pelas portas da frente, o que pode ser identificado como uma característica estipulada pelo Código de Posturas de 1894, que não previa o recuo lateral.

EXEMPLARES DAS PRIMEIRAS EDIFICAÇÕES DA RUA CELSO GARCIA



Antiga residência do Dr. Washington Luís. Rua Celso Garcia, 167



Residência situada à Rua Celso Garcia, 185, onde morou o Intendente e Prefeito Vigilato Franco



Residência situada à Rua Celso Garcia, 227

Código de Posturas de 1894, Capítulo 3:

“§ 3º As portas das frentes de casas terão as dimensões seguintes: 2,90m de altura 1,10m de largura, distanciando-se uma das outras pelo menos 0,60m, porém com igualdade e simetria.

§ 6º As casas que ficarem no alinhamento da rua ou praça não poderão ter portas, meias-portas, cancelas, venezianas, cujas folhas abram para o lado externo em nível inferior a 2,50m medidos do baldrame.”

Podemos notar certo progresso nesse tipo de residência quando da utilização de venezianas de madeira na parte externa, permitindo maior ventilação e privacidade. A busca por esta última e por melhores condições de higiene fizeram com que as edificações fossem construídas sobre porões e separadas umas das outras por corredores laterais, sendo através destes o acesso principal ao interior das residências.

Os recuos laterais logo foram substituídos por edificações com alpendres, sendo as portas com bandeiras para iluminar o interior, o telhado com vários planos, nivelamento acima do passeio (porão para se evitar a umidade e manter a privacidade) e jardim lateral valorizando a edificação.

Uma edificação típica de alpendre é o bangalô, de nomenclatura proveniente do inglês “bungalow”, que corresponde a uma pequena residência pitoresca com varanda alpendrada. Em Batatais, o exemplar mais característico é a antiga residência do Dr. Manoel Furtado, à praça Barão do Rio Branco, vista abaixo.



Antiga residência do Dr. Manuel Furtado

Podemos também observar que as principais edificações da cidade foram construídas nas esquinas, com um tratamento diferencial para a fachada principal, algumas implantadas no centro do lote, como é o caso da residência que pertenceu à família de José Olympio e o palacete do Monsenhor Joaquim Alves Ferreira, ambos em estilo eclético.

O ecletismo é o estilo do século XIX, fruto de uma burguesia que primava pelo conforto, amava o progresso e as novidades da moda, que se refletiu em suas residências com variações estilísticas. Conforme sua designação sugere, trata-se da união dos velhos estilos com os novos materiais, gerando o neoclássico, neogótico, neo-renascentista, etc.

Por se tratar da área central da cidade, muitas edificações são de uso misto (comercial e residencial), preferencialmente nas esquinas e ruas de maior concentração comercial, sendo as principais características deste tipo de edificação:

a melhor qualidade ornamental para a fachada residencial, comércio voltado para a rua de maior fluxo (em caso de esquina), ou área comercial no térreo em caso de edificação de dois pavimentos, conforme podemos ver nos exemplos a seguir.

EXEMPLARES DE EDIFICAÇÕES DE USO MISTO
LOCALIZADAS NAS ESQUINAS



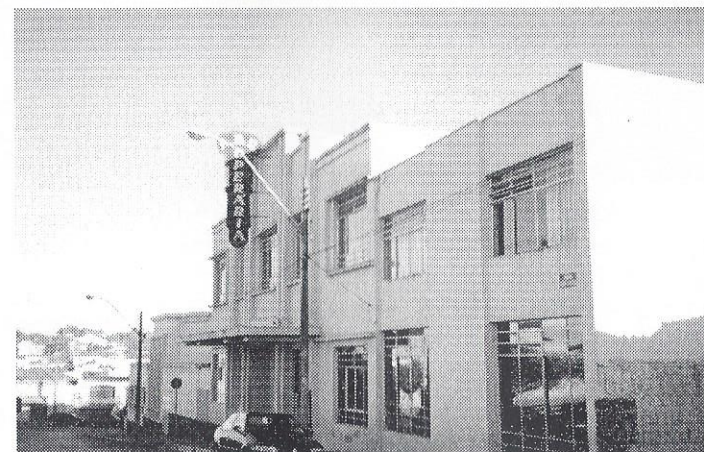
Palacete e Casa Bancária de José Lazzarini Sobrinho
Rua Sete de Setembro esquina Praça Paulo de Lima Corrêa



Residência e Farmácia de Fernando Leite Machado
Rua Celso Garcia esquina Rua Santos Dumont

O centro histórico de Batatais apresenta um exemplar de edificação industrial, que corresponde à antiga fábrica de tecidos Jafet, com sua ocupação dos limites do terreno, pátio interno, janelas altas, ritmadas, e os galpões simétricos.

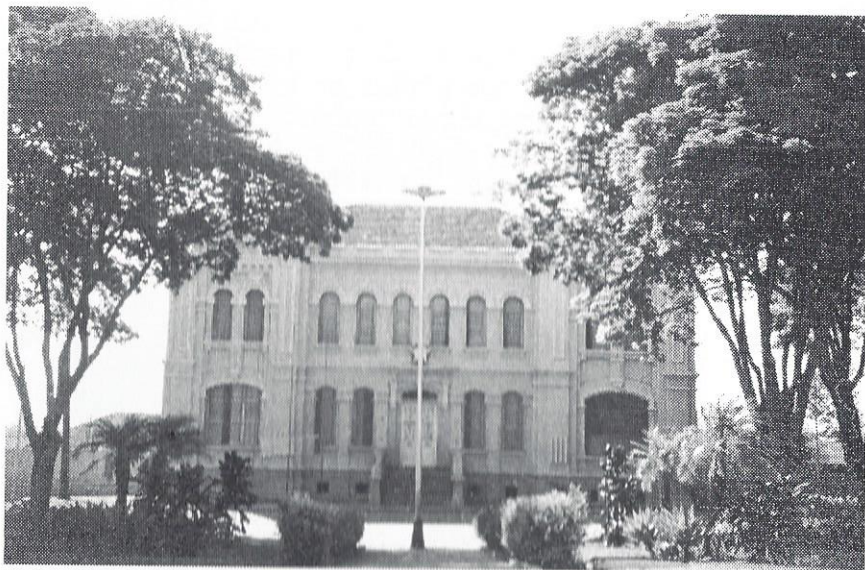
O *art déco* é um estilo futurista de vanguarda chegado na década de 1930 em São Paulo, que elimina todo o supérfluo da edificação. Em Batatais as edificações da Associação Beneficente Recreativa Operária, situada à Rua Prudente de Moraes, Stylo & Sabor e Ao Mercadinho, ambas localizadas à ladeira Dr. Mesquita, números 1 e 4, respectivamente, são exemplares desse estilo, com seus detalhes geometrizados, simetria e regularidade dos vãos.



Prédio da Sociedade Beneficente e Recreativa Operária

Também encontramos no centro as edificações modernas, das quais um dos maiores precursores em Batatais foi o arquiteto Carlos Zamboni, imigrante italiano que chegou à cidade em 1929 para trabalhar nas obras em estilo neoclássico da Igreja Matriz e nas décadas de 1940 e 1950 já desenvolvia os projetos em estilo moderno, com grandes vãos de janelas, telhados com calha central (telhado borboleta), pilotis, estrutura aparente e jardim, valorizando a edificação.

Outra tipologia muito encontrada no centro histórico são as edificações oficiais, na sua maioria monumentais e de estilo eclético, como o prédio da Câmara Municipal, o Grupo Escolar Washington Luís e o antigo Fórum e Cadeia, atual Centro Educacional SESI-235.



Prédio do antigo Fórum e Cadeia de Batatais
Praça Barão do Rio Branco



Câmara Municipal de Batatais — Praça Dr. Washington Luís

As edificações religiosas também são monumentais e se destacam na paisagem, sendo o principal ponto de referência de arquitetura neoclássica a Igreja do Senhor Bom Jesus da Cana Verde. Outra edificação religiosa encontrada no centro é a antiga capela do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.

Após o levantamento e estudo das principais edificações do centro histórico de Batatais, podemos constatar que, apesar das sucessivas descaracterizações e até demolições, este ainda apresenta uma quantidade considerável de imóveis representativos do início da formação urbana da cidade, constituindo um conjunto significativo para a preservação.

Ante essa riqueza patrimonial, verdadeiro livro aberto da história de Batatais, seguem-se propostas, não apenas para a preservação do centro histórico, mas também para a elaboração de roteiros turísticos.

4. Propostas

A requalificação do centro histórico de Batatais tem a intenção de reconhecer valores, promover questionamentos e buscar parcerias para inverter o processo de degradação física do patrimônio da cidade. Daí, as propostas de Educação Patrimonial, visando informar e conscientizar a população interessada na importância de se preservar o bem cultural e na recuperação do centro histórico, diretamente relacionadas à recuperação do espaço público.

As atividades propostas para a requalificação do centro histórico de Batatais devem buscar atingir os mais diversificados setores da sociedade em todas as faixas etárias.

O público-alvo das propostas é o morador da cidade, que, tendo o conhecimento de sua história, pode se tornar um agente de preservação do centro histórico. Entretanto, muitas propostas podem também fazer parte das programações turísticas.

Dentre as atividades de interação da população com o patrimônio, está o projeto do "passeio monitorado", com um roteiro seguido a pé por um grupo de pessoas, passando pelos principais pontos históricos do centro.

Outro projeto de grande importância é o da criação do selo "Empresa Amiga do Patrimônio", direcionado para a empresa que contribui para a preservação do Patrimônio Histórico e Artístico da cidade de Batatais, seja por ações indiretas, como a doação de recursos para a conservação ou recuperação de um

Bem Patrimonial, ou por ações diretas, como a ocupação de imóveis históricos, sem descaracterizar o mesmo, colaborando para a preservação e divulgação do valor deste imóvel.

Caso a empresa esteja instalada em um imóvel de interesse histórico, poderá ser elaborado um livrinho sobre a edificação, que constitui o projeto "Livrinho de Bolso". Trata-se de uma proposta de elaboração de livrinhos infantis sobre as personalidades de Batatais, como Altino Arantes, José Olympio, Monsenhor Joaquim Alves Ferreira e Washington Luís, ou sobre as principais edificações da cidade.

No caso destes dois últimos, os livrinhos poderão ser realizados em parceria com os alunos das escolas estaduais do município que levam os nomes destas personalidades.

A Coleção do "Livrinho de Bolso" pode ser expandida através da participação das escolas do município na elaboração de um livrinho para cada personalidade que leva o nome da escola:

Professora Alzira Acra de Almeida (Escola Municipal)

José Braga Morato (Escola Municipal)

Professora Célia Bueno Cavalcanti Albuquerque (Escola Municipal)

Padre Benito de Uriarte Erbastrain (Escola Municipal)

Cândido Portinari (Escola Estadual)

Monsenhor Joaquim Alves Ferreira (Escola Estadual)

Sílvio de Almeida (Escola Estadual)

Antônio Augusto de Oliveira Jr. (Escola Estadual)

Professor Geraldo Tristão de Lima (Escola Estadual)

Professora Maria Virgínia Mansur Blagi (Escola Estadual)

Doutor Washington Luís (Escola Estadual)

Antônio de Pádua Cardoso (Escola Estadual)

No caso das escolas particulares, cada uma poderá desenvolver um livrinho sobre o imóvel em que está instalada:

Centro Educacional SESI-235 → Antigo Fórum e Cadeia

Colégio São José → Internato Masculino São José

Colégio Objetivo → Colégio Nossa Senhora Auxiliadora

Outra proposta de suma importância é a da elaboração de um inventário científico, com um banco de dados sistematizados sobre os bens imóveis patrimoniais de Batatais, registrados na condição de interesse de preservação. Visando a uma maior identificação da sociedade com o patrimônio, os inventários terão acesso público.

De acordo com o desenvolvimento dos estudos, serão elaboradas publicações anuais sobre o patrimônio de Batatais, para serem distribuídas à comunidade.

A Câmara Municipal de Batatais possui em seu Arquivo Histórico cerca de 180 documentos, entre mapas, plantas, desenhos e croquis de projetos para edificações, mobiliário ou projetos urbanísticos, datados de 1895 a 1933.

O acesso a esta documentação permite o conhecimento do processo de urbanização de Batatais, com as primeiras edificações oficiais: Matadouro, Mercado Municipal, Cadeia Pública e Posto Zootécnico, e também dos projetos particulares elaborados pelos construtores italianos Rômulo Rigotto e Ângelo Rossini, no início do século XX.

O inventário deste material contribui para que a preservação do patrimônio não seja vista como uma questão elitizada, pois de nada adianta investir na proteção e preservação de um bem patrimonial sem a colaboração direta da sociedade, envolvida de uma forma responsável.

Conclusão

O envolvimento da sociedade na preservação da memória estimula a noção de cidadania e do diálogo com os órgãos responsáveis pela identificação e proteção do patrimônio.

A Educação Patrimonial é o instrumento de "alfabetização cultural" que aproxima o indivíduo de sua história e promove a valorização, a preservação e a divulgação do patrimônio cultural, como dispositivo de inclusão social.

Sendo assim, é de responsabilidade do poder público local a implantação de uma Política Patrimonial, visando à ampliação do conceito de patrimônio e à socialização da função de preservação.

No presente trabalho, foram levantadas propostas de Educação Patrimonial que constituem um conjunto de atividades visando incentivar a apropriação do patrimônio cultural pela sociedade e tornar a preservação do patrimônio uma ação consciente na cidade.

BALTAZAR, Alessandra, Re-qualification of the historic centre of Batatais according to the precepts of patrimonial education. AMICUS, Batatais-SP, Nº 9, pp. 7-21

ABSTRACT: The general goals of a Patrimonial Educational project and its application to the case of Batatais, taking into account the primordial urban organisation as well as the historical patrimony.

Activities related to the re-qualification of the historical centre of Batatais are proposed.

KEYWORDS: historical centre, patrimonial education, architectonic patrimony, re-qualification, memory preservation.

BIBLIOGRAFIA:

ARANTES, Altino. *Passos do meu caminho*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1958.

BRIOSCHI, Lucila Reis. *Criando História: paulistas e mineiros no nordeste de São Paulo 1725 - 1835*. São Paulo: USP (tese de doutorado em História), 1995

_____. *Entrantes no Sertão do Rio Pardo: o povoamento da freguesia de Batatais século XVIII e XIX*. São Paulo: CERU, 1991.

CÓDIGO DE POSTURAS DO MUNICÍPIO DE BATATAES. Lei n. 16 de 10 de Junho de 1894. São Paulo: Typ - Litographia Ribeiro, Largo do Carmo, 1894.

DUTRA, Maria Stella Teixeira Fernandes. *A arquitetura de Batatais, 1880 - 1930*. Tese de Mestrado em História. Campinas: UNICAMP, 1993.

FRANS, Jean de. *Bom Jesus da Cana Verde. (Batataes de Ourtr'ora)* São Paulo, 1939.

IPHAN. *Cadernos de Documentos 5 - Cartas Patrimoniais*. Brasília: Ministério da Cultura, 1995.

_____. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: Ministério da Cultura, 1999.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

SERRAZES, Karina Elizabeth. *Desconstruindo a História Local - Batatais: de pouso a vila*. Franca: UNESP, 1997.

TAMBELLINI, Jesus Machado. *A Freguesia dos Batataes*. São Paulo: Cathargo Editorial, 2000. Ministério da Cultura, 1995.

ILUSTRAÇÕES: Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Dr. Washington Luís-Batatais-SP.

DANÇA DE SÃO GONÇALO, TRADIÇÃO CULTUADA EM BATATAIS

Walter CARDOSO*

RESUMO: Dentre os santos que motivaram as mais variadas manifestações de fé, encontra-se São Gonçalo do Amarante, o evangelizador-violeiro. A devoção a ele e as danças em seu louvor, introduzidas no Brasil pelos portugueses, foram com o tempo adquirindo características regionais. Em Batatais, tais manifestações de fé perduram.

PALAVRAS-CHAVE: devoção, festa, voto e "cajuru".

Um santo violeiro português

Sabe-se que São Gonçalo do Amarante (Tagilde, 1187-Amarante, 1259), pelo seu exemplo de homem piedoso e sobretudo pelo seu empenho em trazer para a Igreja aquelas mulheres ditas perdidas, angariou apreciável número de devotos, que sempre reconheceram as graças recebidas, ante promessas feitas. Canonizado em 1561, São Gonçalo legou aquela imagem do moço que recebeu esmerada educação cristã e sólida formação eclesiástica, o que lhe valeu a ordenação de sacerdote e a direção de uma paróquia.

Entretanto, consta que Gonçalo era violeiro freqüentador de bailes, o que certamente não condizia com o esperado de um religioso. Todavia, ao conviver com mulheres de má reputação, ele visava somente convertê-las à religião. Segundo alguns, seus sapatos tinham pontas de pregos que feriam seus pés, o que constituía uma forma de se penitenciar, quando dançava.

Naqueles tempos de intensa espiritualidade e sentimento religioso — tão marcado pelas Cruzadas — uma peregrinação a lugares santos como Roma e Jerusalém constituiu uma das árduas tarefas realizadas pelo evangelizador-violeiro. Após quatorze anos, ei-lo de regresso a sua paróquia, confiada por ele a seu sobrinho, antes da partida. Mas, impedido por este de reassumir o lugar que por direito lhe cabia, Gonçalo retirou-se para as margens do rio Tâmega, afluente do Douro, onde se situa Amarante. Nesse local, edificou pequena capela, onde prosseguiu sua obra de cristianização. A ele deve-se também uma ponte sobre o rio, construção que se fez graças às esmolas arrecadadas.

* Doutor em História Social pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Aliás, sabe-se que nesse local foi construída outra ponte mais sólida, somente no ano de 1790, portanto, por mais de cinco séculos houve no local apenas aquela construída pelo eremita.

Dada, pois, essa particularidade de São Gonçalo — o santo encaminhador de mulheres para uma vida cristã e, conseqüentemente, casamento — não lhe faltaram devotos e sobretudo devotas, naqueles tempos em que as conquistas ultramarinas constituíam um terrível sorvedouro de homens. Talvez se possa assim compreender a devoção das mulheres sem maridos, sobretudo daquelas que já haviam atingido uma certa idade.

Transposição da devoção, de Portugal para o Brasil

Possivelmente, por devoção ao santo, o nome Gonçalo deve ter sido comum em Portugal e conseqüentemente no Brasil Colônia. Assim, já em 1503, vamos encontrar aquela esquadra formada por seis navios, que teve Américo Vespúcio como um de seus capitães e comando geral confiado a Gonçalo Coelho; quando se criou a Capitania de São Vicente, o vigário Gonçalo Monteiro e o substituto de Martim Afonso de Sousa; a um Gonçalo Afonso, cumpre administrar as doações feitas ao donatário Pero Lopes de Sousa; Gonçalo Ferreira foi nomeado em 1548 tesoureiro das rendas do Brasil; Salvador Correia de Sá, a quem se confiou o governo do Rio de Janeiro, era filho de Gonçalo Correia; Gonçalo da Costa de Almeida Pereira foi autorizado a pescar pérolas na Capitania de São Vicente; o Padre Gonçalo Soares pertenceu à Academia Brasílica dos Esquecidos, fundada em 1724; Gonçalo Pereira foi governador do Maranhão, em meados do século XVIII.

Não se busque estabelecer estreitos vínculos entre tais nomes e devoção ao santo violeiro, mas naqueles tempos de acentuada presença da Igreja, nos mais variados atos, não é fora de propósito admitir-se que os batizados com o nome Gonçalo exprimissem ao menos uma devoção de seus familiares ao santo de Amarante.

Uma das primeiras demonstrações de devoção a São Gonçalo é aquela que diz respeito à capela erigida sob a invocação do santo, em Jacarepaguá, no ano de 1625, pelo Capitão Gonçalo Correia de Sá, irmão do Governador Martim Correia de Sá (Coaracy, 1965, p. 68). Falecendo este, suas terras, inclusive a fazenda do Camorim — local da capela —, passaram por herança a sua filha, D. Vitória de Sá. Casando-se com D. Luís de Céspedes Xeria,

quando este de passagem pelo Rio de Janeiro se dirigia ao Paraguai — onde ia assumir o governo —, D. Vitória pouco depois seguiu também para o Paraguai. Mais tarde, ei-la de regresso ao Rio de Janeiro, onde, viúva, faleceu em 1667. Não tendo filhos e sendo sabidamente piedosa, deixou aos beneditinos suas terras em Jacarepaguá, com a condição de a Ordem fazer anualmente uma procissão e uma festa, no dia de São Gonçalo (Taunay, 1925, v. 2, p. 19-20).

Mencione-se ainda ao menos o atual município piauiense de Amarante, situado à margem direita do rio Paraíba. Sabe-se que seu início ocorreu com a criação da aldeia de São Gonçalo, por determinação do Governador da Capitania, Gonçalo Lourenço Botelho de Castro, que, em 1771, concedeu paz aos índios guegueses e acoroás, antigos habitantes da região, com os quais os conquistadores do sertão mantinham guerras. Elevado posteriormente à categoria de vila, esse local passou a se denominar Amarante. Certamente, uma alusão à terra onde São Gonçalo exerceu seu sacerdócio.

Através da toponímia, pode-se aferir a popularidade de São Gonçalo. É o que demonstra Câmara Cascudo, ao registrar que, em 1940, havia município de São Gonçalo no Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais (s.d., p. 433).

As festas, nos primeiros tempos

Certamente, os relatos de milagres de São Gonçalo foram amplamente divulgados, o que contribuiu para o aumento da devoção a ele. Em Amarante, onde o santo construiu sua ermida, desde longa data se faziam festejos em seu louvor, no dia 10 de janeiro, aniversário de sua morte. Então, sobretudo mulheres sem marido, chegavam a praticar atos nada compatíveis com os preceitos da moral cristã (Pereira, 1986, p. 10). Tal procedimento acarretou a proibição dessas festas dentro da Sé do Porto (Santos, 1937, p. 86).

Em Lisboa — segundo relato datado de 1730, de autoria de um forasteiro francês que estivera na cidade —, também se comemorava São Gonçalo. Sua imagem era venerada sobretudo por pessoas doentes e devotos, fazendo-se então rezas, dançando e cantando: "Quem com o santo quiser sarar, ao santo há-de bailar" (Chaves, 1983, p. 62). Ainda segundo esse relato, a dança que se fazia na presença do santo fundamentava-se em prática registrada

no Antigo Testamento, onde há referência ao Rei David dançando e tocando instrumentos diante de Arcão.

Como era de se esperar, os portugueses introduziram no Brasil não apenas a devoção a São Gonçalo, mas também suas festas e danças, nos moldes daquelas que se faziam no Reino, nada recomendáveis aos bons cristãos. Eram manifestações que ocorriam não apenas em logradouros públicos, mas também no interior dos templos, comportamento desrespeitoso, ao qual obviamente não coube culpa à Igreja, mas apenas àquelas pessoas destituídas de uma postura compatível com os preceitos da religião.

Tais abusos estão registrados no *Compendio Narrativo do Peregrino da América*, de autoria do presbítero secular Nuno Marques Pereira (1652-1728). Obra essencialmente moralista, na qual seu autor, ao condenar os vícios de seu tempo, faz referência às ordens do Vice-Rei Conde de Sabugosa, proibindo a Festa de São Gonçalo na Bahia. Proibição, segundo Nuno Marques Pereira, decorrente de atos praticados por homens brancos, mulheres, meninos e negros, "que mais pareciam abusos e superstições que louvor ao Santo..." (Apud Cascudo, 1971, p. 53). Essas proibições ocorreram também em Olinda, na segunda década do século XIX, porque rapazes e moças dançavam durante toda a noite na igreja de São Gonçalo, de uma forma "indigna do templo de Deus..." (Tollenare, 1904, p. 448).

Em São Paulo dos tempos antigos, segundo Cursino de Moura, faziam-se festas em louvor ao santo, ocasião em que as pessoas relegadas ao celibato suplicavam:

"São Gonçalo do Amarante

Casamenteiro das velhas,

Por que não casais as moças,

Que mal vos fizeram elas? (Moura, 1943, p. 82).

Variações em torno da mesma fé

Dada a devoção a São Gonçalo, as comemorações a esse santo difundiram-se pelo Brasil. Certamente, tais danças já quase não acontecem nos grandes centros urbanos, mas perduram ainda em pequenas localidades, com aquela acentuada característica religiosa. Com efeito, a grande razão de ser dessas danças são as promessas feitas, não apenas por pessoas casadoiras, mas por aqueles que têm os mais variados problemas, inclusive doenças.

Aliás, a grande diferença entre as danças de São Gonçalo e outras festividades é que em louvor ao santo de Amarante dança-se apenas por promessas e não por divertimento.

Dadas as diversidades regionais, tinham que ocorrer variadas formas de danças e de canções. Mas, perdura em todas aquela manifestação de fé ao santo violeiro. Conforme já se observou (Pereira, 1986, p. 11), costuma-se dançar com os joelhos flexionados, possivelmente para se fazer alusão à maneira como o santo era obrigado a dançar, uma vez que na sola de seus calçados havia pregos que feriam seus pés.

Outra característica da dança é a colocação dos participantes em fileiras, homens e mulheres formando pares. Cada fileira tem um violeiro: *mestre* é aquele colocado na frente dos homens e *contra-mestre* é o que se põe na frente das mulheres. Mas há também casos em que participam apenas mulheres vestidas de branco. Outras denominações como *guias* e *meeiros* podem também ser dadas aos encarregados da evolução da dança. Encontramos ainda a *rezadeira*, cuja função é puxar a ladainha que se faz na frente do altar.

Além das danças, há o chamado "Terço de São Gonçalo", quando todos os dançantes permanecem parados, enquanto cantam. Nesse caso, a posição correta é colocar a mão direita no coração e deixar a esquerda em posição que sugere alguém pedindo esmola.

Quanto ao Estado de São Paulo, sobretudo Guarulhos e adjacências aos lados da Via Dutra atual, Marciano dos Santos registrou, em 1937, importantes informações sobre essa festa, com dados relativos às promessas para curar doenças, ornamentação de altar, efígies de São Gonçalo-violeiro, São Gonçalo-padre, etc. São festas que começam com a ceia, passando-se depois a reza do credo, Ladainha de Nossa Senhora, Ave-Maria e, finalmente, inicia-se a dança. As duas filas de participantes fazem diversas evoluções, indo do altar para trás, ora por dentro das filas, ora por fora, ou por trajetos mais elaborados. Tudo, certamente, transcorrendo com o maior espírito de religiosidade, onde não faltam versos como estes, datados de 1907:

"Deus te Salve São Gonçalo
Junto com a Virgem Maria
Que lhe sabe a Jesus Cristo
Toda a hora e todo o dia" (Santos, 1937, p. 85 e segs.).

Assim, embora apresentando diversidades locais, quanto à coreografia, indumentária, adereços, letras e músicas, as danças de São Gonçalo revestem-se de características afins, marcadas por profundo espírito religioso.

São Gonçalo em Batatais

Difícil determinar quando essa dança foi introduzida em Batatais e quem foram seus primeiros organizadores, mas é de se presumir que, sobretudo na zona rural, ela deve ter sido difundida. Segundo Joaquim Borges de Souza — em texto reescrito por José Carlos de Medeiros Pereira —, o batataense João Benedito da Fonseca, mais conhecido como João Paca, já falecido, além de devoto fervoroso de São Gonçalo, foi cantador de sua dança (Souza & Pereira, 2002, p. 78).

Atualmente, graças à importante contribuição da Associação Folclórica de Batatais, esta cidade tem festas de folclore. Apresentam-se então diversos grupos que, pela sua autenticidade, causam a melhor das impressões. Dentre estes mencione-se aquele de São Gonçalo, do Centro Comunitário Motorista Afonso, do Bairro do Castelo.

Segundo depoimento do senhor Ary Ricci, diretor do Centro, a idéia de uma restauração dessa dança nasceu dele e de sua esposa, D. Maria Conceição, que, em outros tempos, tiveram oportunidade de assistir a uma delas, sobretudo na Fazenda Lages, onde se faziam votos. Para organizá-la, o senhor Ricci buscou informações sobre São Gonçalo, as quais lhe foram prestadas pela Igreja local. Quanto à organização da dança, ele recorreu aos irmãos Geraldo e Joaquim Saltarelli, violeiros com longa experiência em festas folclóricas, suas danças e músicas.

Assim, a partir de 1995, passaram-se a fazer tais louvores, os quais constam de duas partes — voto e "cajuru" —, precedidos do terço.

Primeira parte: O Voto

- O animador chama os casais (aproximadamente cinquenta, todos trajando roupa comum), que formam duas fileiras, uma de homens e outra de mulheres, todos voltados para o altar.

- O embaixador, violeiros, cantor e sapateadores vão para o altar, onde estão as imagens de São Gonçalo e de Nossa Senhora.

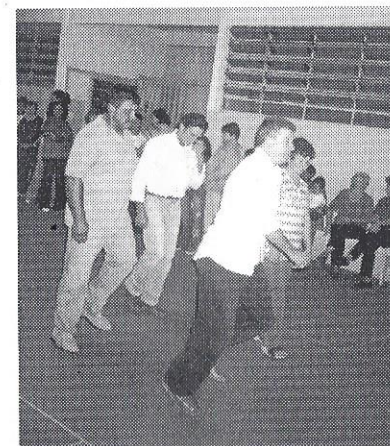
- Chegados ao altar, fazem voto de louvor e depois vão para a extremidade oposta do altar para início dos votos.



Violeiros Luís Saltarelli, Oswaldo e Sebastião Campos Mourão



O animador, sua esposa, sapateadores e violeiros



Sapateadores e casal de devotos

- O último casal das colunas, tendo atrás de si dois sapateadores, dirige-se ao altar, passando no meio das duas colunas.

- Uma vez cumprida sua parte, esse casal se coloca na frente das colunas (Vide Esquema 1 - Evolução do "Voto").

- Ante a ordem "outro par, um passo para trás", dada pelo animador, o casal que está agora no fim da coluna cumpre o mesmo ritual, colocando-se em seguida na frente do primeiro casal, que recua.

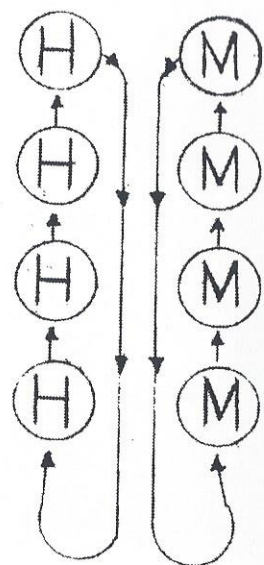
- Depois de todos cumprirem esse ritual, termina o primeiro voto, o qual será repetido geralmente mais duas vezes.

Terminada essa primeira parte da Dança de São Gonçalo, serve-se breve lanche com refrigerantes. Em seguida, passa-se para a segunda parte: "Cajuru"

- Os casais colocam-se novamente em duas fileiras, agora todos conduzindo velas acesas.

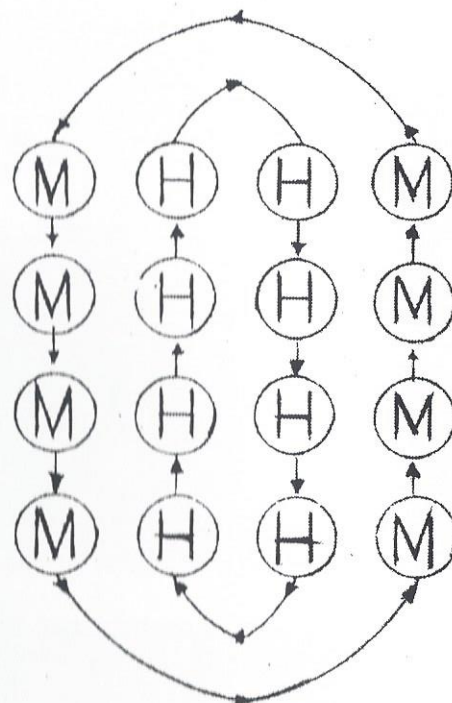
- Partindo da frente do altar, sai a coluna dos homens, tendo à frente o animador, com a imagem de Nossa Senhora. Seguem-lhe dois violeiros e dois sapateadores. A coluna dá cinco voltas pelo salão. Ao mesmo tempo, a esposa do animador, conduzindo a Imagem de São Gonçalo, é seguida por dois violeiros, dois sapateadores e a coluna das mulheres. São dadas cinco voltas pelo salão, o que corresponde a cinco votos.

- Os homens dão a volta por dentro e as mulheres por fora (Vide Esquema 2 - evolução do "Cajuru").



N.S. + S.G.

Esquema 1
Evolução do "Voto"



Esquema 2
Evolução do "Cajuru"

CARDOSO, Walter. São Gonçalo Dance - A tradition cultivated in Batatais. AMICUS - Batatais-SP, Ano 5, Nº 9, 2004. pp.22-31

ABSTRACT: São Gonçalo Amarante, the "guitar player evangelist" is one those holy saints who motivated a great variety of people's faith manifestation. The devotion and dances introduced by the Portuguese acquired regional characteristics along the time. In Batatais, such faith manifestations last up to the present days.

KEYWORDS: devotion, faith, vows, "cajuru".

BIBLIOGRAFIA

CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário Folclórico Brasileiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro, INL: MEC. 1962.

_____. *Antologia do Folclore Brasileiro*, 4ª ed. São Paulo, Martins, 1971.

CHAVES, Castelo Branco (Trad., prefácio e notas). *O Portugal de D. João V visto por três forasteiros*. Lisboa. Ministério da Cultura, 1983.

COARACY, Vivaldo. *O Rio de Janeiro no século XVII*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1961.

MOURA, Cursino de. *São Paulo de Outrora. Evocações da Metrôpole*. São Paulo, Martins, 1943.

PEREIRA, Niomar de Souza. "São Gonçalo violeiro", *D. O. Leitura*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 4 (47) abril 1986.

SANTOS, Marciano dos. "A dança de São Gonçalo", *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, Ano III, vol XXXIII, março de 1937.

SOUZA, Joaquim Borges & Pereira, José Carlos de Medeiros. "João Paca", *Amicus*, Batatais-SP, Ano III, nº 5, maio de 2002.

TAUNAY. Affonso de E. *História Geral das Bandeiras Paulistas*. São Paulo, Typ. Ideal - H.L. Canton, Tomo II, 1925.

TONELLARE, L. de F. «Notas Dominicaes», *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco*, Recife. Vol. XI, nº 61, março 1904.

FOTOGRAFIAS: Acervo AMICUS

CINE MADALENA, A FÁBRICA DE SONHOS

Pedro Lázaro TEIXEIRA*

RESUMO: Histórico do Cine Madalena, inaugurado em 1955, nos tempos do *footing* na Praça Cônego Joaquim Alves. Seus idealizadores, funcionários e principais filmes exibidos até 1988, quando o cinema deixou de funcionar, cedendo seu espaço físico para um *shopping center*.

PALAVRAS-CHAVE: sessões, filmes, músicas, sonhos, fantasias.

No fim de 1955, a Praça Cônego Joaquim Alves era palco de acontecimentos que, quando contados, provocam nos mais jovens gracejos e comentários de incredulidade.

Na praça, no círculo central, os jovens passeavam, praticando um flerte ocasional que poderia levar a um único encontro ou ao altar da Igreja Matriz. Era o conhecido *footing*, maravilhoso lazer de tantas décadas.

Do outro lado da praça, quase mil pessoas em fila esperavam pacientes, em animadas conversas, a vez de entrar no local que era a grande coqueluche do momento: o Cine Madalena.

Eram 19:20 h de um belo domingo e a sessão das 17h ainda não havia terminado. Atrasados se comprimiam na bilheteria, os juízes de menores estavam atentos para possíveis invasores, os homens trajavam seus melhores ternos e, engravatados, acompanhavam namoradas, noivas e mulheres que ostentavam seus vestidos mais novos e elegantes.

Às 19:25h as portas laterais se abriam para a saída dos primeiros assistentes e as duas filas de espectadores se revezavam para entrar num mundo de fantasia. Cada um procurava seu local predileto entre as 828 poltronas vermelhas estofadas, à espera do início da sessão, com a audição de sucessos musicais do momento.

Quando as alegres notas musicais de "Os pobres de Paris" invadiam o cenário, todos sabiam que a fábrica de sonhos iria funcionar. Três vezes o gongo espalhava seu tonitruante som pela sala, as cortinas se abriam, as luzes se apagavam uma a uma, ao som da Marcha Triunfal de Victor Herbert. A tela, então,

*Jornalista, tem uma coluna semanal em *O JORNAL*-Batatais-SP (Preto no Branco) e é editor de *O CUSCUZEIRO*, mensário de Santo Antônio da Alegria.

ganhava um brilho mágico e encantador que levava todos a um mundo de mentira que parecia real.

Uma idéia converge-se em realidade

Segundo o senhor Felício Bombonato, a idéia da construção de um novo cinema, em Batatais, ocorreu-lhe em virtude de ter ele visto em um livro trazido da Itália por seu pai, que era arquiteto, uma obra na qual havia informações sobre a planta de um teatro, inspirando-lhe o projeto.

Entretanto, ele não dispunha dos recursos pecuniários necessários para tal. No intuito de consegui-los, procurou várias pessoas, entre elas, Majorzinho (Antônio Cândido Alves Filho), Major Chrysantho e o Dr. Paulo Scatena. Este último, ao ser convidado para o empreendimento, disse que gostaria de construí-lo ao lado de sua casa, na Praça Doutor Washington Luís.

Ante as dificuldades encontradas, Bombonato buscou outros interessados: procurou então o senhor Luiz Garbellini (que tinha uma oficina mecânica na rua Coronel Joaquim Rosa), que aceitou prontamente a idéia, e assim foi formada a sociedade, da qual participariam os irmãos Garbellini (Roberto, Pedro, Alpheu, Luiz e Carlos), além de José Pelosi e, naturalmente, o senhor Felício Bombonato. Este achava que o melhor local para o cinema era a Praça Cônego Joaquim Alves. Assim, o terreno onde havia um salão de "snooker" e uma confeitaria conhecida como "da Balana" (antigo bar da rodoviária), foi adquirido do senhor José Faggioni, ficando 40 metros para o cinema e o restante com frente para a rua de baixo para o senhor Luiz Garbellini.



Local onde foi construído o Cine Madalena

Ao ler no jornal os nomes de engenheiros especializados na construção de cinemas, o senhor Luiz dirigiu-se para São Paulo em companhia de seu filho Henrique, onde se fizeram os devidos contatos com o Dr. Rui e Sr. Simão, nascendo assim a "Empresa Cinematográfica Batatais Ltda.", que mais tarde também construiria o Cine Castelo na avenida Nove de Julho.

O nome do cinema e a noite de estréia

Um concurso foi idealizado para a sugestão do nome, mas comentava-se, em surdina, que o mesmo já estava escolhido, recaindo sobre o nome da matriarca dos Garbellinis: Dona Madalena. Desta forma, surge o Cine Madalena, inaugurado no dia 1º de outubro de 1955.

Abaixo *flash* desse dia festivo, com a presença de autoridades, proprietários, seus familiares e amigos.



O filme escolhido para a primeira exibição foi "As neves do Kilimanjaro". Era um filme colorido de 1952, dirigido por Henry King, com a duração de 1:57h, com Gregory Peck, Ava Gardner, Susan Hayward, Hildegard Kneff e Leo G. Carrol. Era a filmagem de um conto do escritor Ernest Hemingway, com produção de Darryl Zanuck.

Este filme pode ser assim resumido: na África, o escritor Harry Street (Gregory Peck) sofre grave acidente numa caçada.

E, ao pé do monte Kilimanjaro, ponto mais alto da África, está morrendo de gangrena. Ele lembra, então, de sua vida desde Michigan (EUA) até Paris, a Riviera e a Espanha da Guerra Civil. Na sua memória estão três grandes amores fracassados: Helen (Susan Hayward), Cynthia (Ava Gardner) e a condessa Liz (Hildegard Kneff).

Os funcionários

A primeira bilheteira foi Maria José Rezende, e depois Lia Neusa Coraucci até a última sessão, em 13 de outubro de 1988.

Houve vários porteiros: Vilma, Jacir Lavagnini, José Carlos de Andrade e Geraldo Gaspar. Operadores: Petrônio Moreira, Adejaime Martins, João Bosco e Luís Crispim, entre outros.

O gerente do Cine Madalena era Henrique Garbellini e, após sua morte, ficou ao cargo de Roberto Garbellini.

As sessões

Durante a semana havia uma sessão às 20h. Aos sábados a programação era dupla com início às 19h. No domingo, às 10h havia a sessão ZIG-ZAG para as crianças e mais três sessões: às 17, às 19, 15 e às 21,15h.

Primeiros filmes - outubro de 1955

- "O Destino me Persegue" (Susan Hayward - Charlton Heston).
- "Eu te matarei querida" (Olívia de Hawiland - Richard Burton)
- "Rainha do Mar" (Esther Williams)
- "Os filhos não se vendem" (Lea Padovani e Antonieta Lualdi)
- "O palhaço" (Red Skelton)
- "A morte ronda o espetáculo" (Clyde Beaty - Pat O'brien)
- "O preço de um homem" (James Stewart - Janet Leigh)
- "Os saltimbancos" (Frederich March e Terry Moore)
- "A viúva alegre" (Fernando Lamas - Lana Turner)
- "O décimo terceiro homem" (Silvana Pampanini - Walter Chiari)
- "Roda da fortuna" (Fred Astaire - Cyd Charisse)
- "México dos meus amores" (Ricardo Montalban - Píer Angeli)
- "Tudo por você" (Van Johnson - Janet Leigh)
- "Os homens preferem as loiras" (Jane Russel - Marilyn Monroe)
- "Pão, amor e fantasia" (Vitorio de Sicca - Gina Lolobrigida)



Cine Madalena

ABRIL DE 1956

Dias 1 e 2	Domingo às 7,30 e 9,30 - Segunda às 8 horas - Tecnicolor Warner Sob o comando da morte c/ Guy Madison. Pela primeira vez o Oeste e suas histórias heroicas que jamais deixam de emocionar.	
Dias 8 9 e 10	Domingo às 7,30 e 9,30 - Segunda e Terça às 8 hs. - Tecnicolor FOX Demetrius o Gladiador com Victor Mature, Susan Hayward e Michael Rennie. Continuação do «Manto Sagrado».	14 anos
Dias 15 e 16 Domingo às 7,30 e 9,30. Segunda às 8 horas.	 Lili TECHNICOLOR LESLIE CARON MEL FERRER JEAN PIERRE AUMONT ZSA ZSA GABOR KURT KASZMAR PRODUÇÃO DE EDWIN H. KNOPP DIREÇÃO DE CHARLES WALTERS	Grande apresentação da Metro Goldwyn Mayer do Brasil. Livre
Dias 22 e 23	Domingo às 7,30 e 9,30 - Segunda às 8 horas - Tecnicolor Warner Com o Céu no Coração c/ Doris Day e Rob Cumings. Uma comédia musical em CinemaScope com a graça e a voz de Doris Day!	Livre
Dias 29, 30 e 1.º de Maio	Domingo às 7,30 e 9,30 - Segunda e Terça às 8 hs. - Tecnicolor Universal O Escudo Negro de Falworth Tony Curtis, Janet Leigh e Barbara Rush. Retrata c/ fidelidade invejável a época turbulenta do Reinado de Henrique IV, Ing.	Livre

Parte do Programa Mensal da exibição de filmes-abril de 1956
(Acervo Maria Auxiliadora Garbellini Enoch)

Filmes inesquecíveis

1955

"Um fio de esperança" (John Wayne- Claire Trevor)
"O direito de nascer" (Jorge Mistral - Gloria Marin)
"Amar foi minha ruína" (Gene Tierney - Cornel Wilde - Jeane Crain)

1956

"Música e Lágrimas" (James Stewart - June Allyson)
"David e Betsabé" (Gregory Peck - Susan Hayward)
"Cantando na Chuva" (Gene Kelly - Cyd Charisse - Debbie Reynolds)
"Lili" (Leslie Caron - Mel Ferrer - Jean Pierre Aumont)
"O amanhã será tarde demais" (Vitorio de Sicca - Pier Angeli)
"Suplício de uma Saudade" (William Holden - Jennifer Jones)

1957

"A última vez que eu vi Paris" (Elizabeth Taylor - Van Johnson)
"Helena de Tróia" (Rosana Podestá - Jack Sernas)
"Matar ou morrer" (Gary Cooper - Grace Kelly)
"Nunca deixei de te amar" (Rock Hudson - Milss Cornal Borchers)
"Carrocinha" (Mazzaropi - Doris Monteiro)
"Tudo o que o céu permite" (Rock Hudson - Janne Wyman)
"A mulher" (Libertad Lamarq - Victor Junco)
"Meu pecado foi nascer" (Clark Gable - Yvone de Carlo)
"O homem que sabia demais" (James Stewart - Doris Day)
"O cálice sagrado" (Jack Palance - Virginia Mayo - Paul Newman)
"Disque M para matar" (Ray Milland - Grace Kelly)
"Sissi" (Romy Schneider - Dartheinz Bokn)
"A última canção" (Sarita Montiel - Armando Calvo)
"À noite sonhamos" (Cornel Wilde - Merle Oberon - Paul Muni)
"Farrapo humano" (Ray Miland - Jane Wyman)
"Testemunha de acusação" (Tyrone Power - Marlene Dietrich)

Os filmes mais assistidos, conforme declaração de Lia Neusa Coraucci, foram os filmes religiosos e os nacionais com Oscarito e Grande Otelo, Ankito e Mazzaropi.

A última atração foi o filme "Lua-de-Mel Assombrada", no dia 13 de outubro de 1988.

O sonho se acaba...

Com a morte, em 14 de outubro de 1988, de Roberto Garbellini, gerente-proprietário do Cine Madalena, a manutenção do único cinema da cidade ficou insustentável. Os remanescentes proprietários, Felício Bombonato, Alpheu Garbellini (fundadores) e os herdeiros de Henrique, Pedro, Luiz, Carlos e Roberto resolveram paralisar as atividades, depois de 33 anos.

O "Madalena" ficou inativo durante um mês. Em 6 de novembro de 1988, os irmãos Flávio Felício Frezza, José Antônio Frezza e Luís Roberto Frezza compraram o prédio. E o Cine Madalena voltou a funcionar.

O primeiro filme foi em 19 de novembro de 1988, mas o objetivo dos irmãos Frezza era construir um *shopping center* com um cinema menor e mais moderno.

Em 12 de fevereiro de 1991, foi exibido "O Mistério de Robin Hood", com Os Trapalhões e Xuxa, o último filme na tela do saudoso e inesquecível Cine Madalena.

E no local da fábrica de sonhos de várias décadas, foi construído um suntuoso shopping center, o Center Plata, inaugurado em 6 de dezembro de 1994.

Mas isso é outra história.

BIBLIOGRAFIA

O Jornal-Batatais-SP. Várias edições.

Programação mensal do Cine Madalena.

Entrevistas com:

Roberto Garbellini, Felício Bombonato, Lia Neusa Coraucci e Flávio Felício Frezza.

FOTOGRAFIAS: Acervo Pedro Lázaro Teixeira

TEIXEIRA, Pedro Lázaro. Cine Madalena, a factory of dreams. AMICUS, Batatais-SP, Nº 9, ano 5, pp. 32-38

ABSTRACT: History of Cine Madalena, which was inaugurated in 1955, by the time that people used to walk around Cônego Joaquim Alves Square (habit known as *footing*). The idealizers, employees, and main movies exhibited until 1988, when the Theatre closed its doors. The space was transformed in a shopping center.

KEYWORDS: sessions, movies, songs, dreams, fantasies.

CRIAÇÃO DE DIOCESE EM BATATAIS, SEGUNDO O ARQUIVO SECRETO DO VATICANO

Nainôra Maria Barbosa de FREITAS*

RESUMO: No início do século XX a cidade de Batatais enviou para o Vaticano um projeto que refletia o sonho da cidade: sediar um bispado. O texto analisa as cartas trocadas entre o padre Lafayette de Godoy e o núncio apostólico no Brasil, D. Julio Tonti.

PALAVRAS-CHAVE: Batatais, Igreja Católica, projeto de diocese, Vaticano, Nunciatura Apostólica.

No início do século XX a situação eclesial no Brasil permitiu que as cidades passassem a buscar a concretização de sonhos antigos como o de serem sede de bispados.

Uma nova ordem religiosa e eclesial se fazia presente desde a ruptura entre o Estado e a Igreja no final do século XIX, o decreto 119 A, de 7 de janeiro de 1890 (Araújo, 1986, p. 47), que instituiu a separação Estado-Igreja, colocava a Igreja livre das amarras do Padroado Régio, podendo dar seus próprios passos para crescer, de acordo com as necessidades eclesiais e religiosas. Até 1889 a Igreja Católica no Brasil era dirigida pelo Papa e controlada pelo imperador, que determinava a criação de paróquias, dioceses, com a conveniência de que, no período colonial, era dos reis de Portugal e, no Imperial, dos imperadores brasileiros. A liberdade da Igreja católica significou muito, pois o episcopado podia tomar a iniciativa de criar paróquias e dioceses de acordo com as necessidades espirituais. O final do século XIX e as primeiras décadas do século XX conheceram uma explosão deste processo.

No início do século XX, no interior da grande diocese de São Paulo, a antiga cidade de Batatais (a ocupação inicial data do século XVII), que fora elevada a condição de vila em 14 de março de 1839 (Tambellini, ano 1, n.1, 2000, p. 9), aspirava a sediar um bispado.

No Arquivo Secreto do Vaticano, na cidade do Vaticano, encontramos uma rica documentação, da primeira década do século XX, na Sessão Nunciatura Apostólica do Brasil, a respeito da "tentativa de criação do bispado de Batatais". Na

*Mestre em História e doutoranda pela UNESP, campus de Franca.

documentação, estão incluídos a correspondência trocada entre o núncio apostólico do Brasil, D. Júlio Tonti, o padre Lafayette de Godoy e a Secretaria de Estado do Vaticano; os pareceres do núncio e da Secretaria; artigos de jornais de Batatais e Campinas a respeito de uma possível criação de diocese em Batatais.

Qual a importância no início do século XX de uma cidade interiorana sediar um bispado? Certamente o alcance de um grande status para a cidade, com o prestígio do Bispo. Quando uma cidade prospera, aumentam a população, os serviços, o comércio, e conseqüentemente o giro de capital.

A cidade de Batatais, que contava com 33.770 habitantes em 1892, de acordo com os dados enviados para Roma, preparou um projeto, intitulado: *Progetto di Diocesi in Batataes* (S. Paolo), que foi enviado em 1903 a Roma para o Papa Leão XIII.

O caminho tomado por Batatais era normal: elaborar um projeto, enviar ao núncio apostólico, à Secretaria de Estado do Vaticano e ao Papa. Ao mesmo tempo, conquistar a população local a fim de colocar em prática os preparativos para a obra da criação da diocese. A adesão da população significava facilidades para angariar os fundos necessários. Mas, um longo caminho precisava ser trilhado e entre outras coisas consideradas mais difíceis estava em fazer entender as autoridades eclesiásticas aqui no Brasil da importância do projeto, dentre elas, o bispo diocesano de São Paulo, que, em 1903, era Dom Antonio Cândido de Alvarenga, que teria sua diocese dividida se o projeto de Batatais fosse avante.

Estava à frente da Paróquia do Senhor Bom Jesus da Cana Verde, de Batatais, em 1903, o padre Lafayette de Godoy, ex-deputado estadual, que era procedente da paróquia de Pindamonhangaba, numa troca realizada pelo Bispo diocesano de São Paulo. O Bispo enviou o Padre Lafayette de Godoy para Batatais e o Padre Vicente Passos de Batatais para Pindamonhangaba (FRANS: 1939, p. 189). A posse do padre Lafayette, em 14 de março de 1901, trouxe um novo período para a paróquia, depois dos conflitos de um grupo de paroquianos com o antigo pároco.

Padre Lafayette enviou uma carta ao núncio apostólico do Brasil, D. Júlio Tonti, com data de Batatais, 6 de maio de 1903, onde apresentava as condições propícias de Batatais para sediar um bispado. Ele justificava que a cidade era a mais adequada no Interior de São Paulo, para a execução da obra de instalação de uma diocese.

A carta do padre, em tom imperativo, dizia que seus paroquianos estavam dispostos a pagar os cem contos de réis, quantia exigida para uma cidade ser sede de bispado, desde que fosse sem duplicata, com vigário geral e o bispo residindo integralmente na cidade, que também seria a sede do prelado. Os habitantes de Batatais recebiam dar o dinheiro e ver a sede do bispado instalada em outra cidade.

Quanto ao patrimônio, a quantia seria levantada com relativa facilidade, de acordo com o padre Lafayette, uma vez que: " ... *uma senhora assaz piedosa de seu bolsilho oferece cinquenta conto de réis; outros quarenta ou cinquenta facilmente, tanto quanto posso inferilo de informações fidedignas, serão arrecadados em quatro ou cinco mezes* ". (ASV, n. 101, fasc. 500)

A carta do padre Lafayette apresenta a proposta para o núncio e faz sugestões, uma delas era para que os padres dominicanos da cidade de Uberaba pudessem ficar como responsáveis para a realização do projeto. O padre explicava que os dominicanos eram de inteira confiança da comunidade de Batatais.

Em outra parte da carta, o padre Lafayette pedia que o núncio desse um alento, um sinal positivo, para que ele pudesse junto com a comunidade começar efetivamente a angariar os fundos necessários.

A resposta do núncio, D. Júlio Tonti, (ASV, n.101, fasc. 500) para o padre Lafayette, fala em duas outras cidades que também aspiravam a sediar um bispado. D. Júlio não especifica as cidades, mas sabemos que Botucatu e Campinas no mesmo período que Batatais estavam pleiteando a diocese. O núncio diz que não se negaria a levar até o Papa Leão XIII o pedido da cidade e que não deixaria de aprovar o empenho dos fiéis católicos da cidade que aspiravam a sediar um bispado.

A resposta do núncio revela que o Vaticano estava estudando propostas para a criação de bispados na diocese de São Paulo. Não havia nenhuma garantia de que o objetivo poderia ser alcançado. D. Júlio Tonti sugere que a comunidade não se desanime, ao contrário, que ela lute para conseguir seu intento. A fala dele mostra que poderia haver chances para Batatais. Ele sugere que cabia à população lutar: " *Façam-se coragem, e lembrem-se o provérbio que diz: quem mais persiste ganha*". (ASV - n.101, fasc. 500)

Entre outras palavras, o núncio diz que a cidade que se mostrasse mais apta, trabalhando firme no seu propósito, é que venceria. As mesmas palavras ele dirigiu para os campineiros, quando também enviaram seu pedido de criação da diocese (ASV – n.124, fasc 615).

Na realidade não era bem assim, a cidade poderia conseguir o dinheiro, mas isso não bastava, era preciso ter uma casa que servisse de palácio episcopal, uma igreja grande e com adornos o suficiente para abrigar a catedral e rendas para prover o bispo de uma vida digna. Com tudo isso arrumado, também não estaria garantido que a cidade seria escolhida para ser a sede do bispado. O projeto de Batatais conseguiu reunir esses itens e a cidade não foi escolhida para abrigar a sede do bispado.

Durante os anos seguintes a 1903, Batatais lutou para conseguir seu intento. Mas os rumos políticos e eclesiásticos dentro da Igreja de Roma e de São Paulo mudaram. Com a posse em 1906, na diocese de São Paulo, de D. Duarte Leopoldo e Silva, iniciou-se um projeto de criação de uma Província Eclesiástica de São Paulo. A cidade de Ribeirão Preto foi escolhida por D. Duarte para ser a sede do bispado na região.

Depois de 1907, Batatais saiu de cena. A documentação consultada não fala mais de Batatais, mas da cidade de Ribeirão Preto, que ganhava cada vez mais destaque no cenário nacional. Ribeirão Preto não reunia nenhuma das condições exigidas pela Santa Sé, no entanto foi a escolhida por apresentar melhores condições futuras (ACMSP, Carta do Cardeal Joaquim Arcoverde a D. Duarte, 10/04/1907).

O projeto foi esquecido. Anos mais tarde, a construção da atual Matriz pôs por terra os vestígios da antiga que fora apresentada como a provável Sé. (Vide ilustração na 4ª capa)

FREITAS. Nainôra Barbosa de. Creation of the Diocese in Batatais according to the secret files of the Vatican. AMICUS Nº 9, ano 5, 2004, pp. 39-42.

ABSTRACT: In the beginning of the XXth Century, the municipality authorities of Batatais sent to the Vatican a project which reflected the dream of its inhabitants: to have a bishopric in the town. The article analyses the exchanged letters between the priest Lafayette de Godoy and D. Julio Tonti, the Vatican representative in Brazil.

KEYWORDS: Batatais, Roman Catholic Church, Diocese project, Vatican, Bishopric.

A ANSELMADA: REBELIÃO E CONFLITOS LOCAIS

Mildred Regina GONÇALVES*

RESUMO: Para os estudiosos da história de Batatais, a Anselmada, rebelião ocorrida em Franca em 1838, comandada por Anselmo Ferreira de Barcelos, constitui questão que sempre merece considerações. Dela, já se registrou, nesta Revista, interessante artigo de João Carlos Bianco (2000, p. 45-60). Neste texto, retomam-se análises e discussões que têm sido feitas por outros autores, acerca das disputas políticas então travadas.

PALAVRAS-CHAVE: rebelião, sedição, facções, revolta.

O movimento denominado Anselmada, ocorrido em Franca em 1838, teve, como causas principais, revolta e protesto contra o uso do poder excessivo dos chefes políticos locais.

O líder do movimento, Anselmo Ferreira de Barcelos, era sobrinho de Hipólito Antônio Pinheiro, fundador de Franca, portanto, integrante de uma das mais antigas famílias mineiras que ali chegaram.

Nos primórdios da fundação da Vila, os mais antigos "inrantes" assumem o comando da Vila. José Justino Falleiros, José Simão D'Almeida e Francisco Rodrigues Nunes compõem, como vereadores, a primeira Câmara; Francisco Antônio Diniz Junqueira é eleito capitão-mor; Hipólito assume o cargo de juiz ordinário; e seu meio-irmão, o alferes Heitor Ferreira de Barcelos, é indicado para a função de almotacé.¹

Segundo Carmelino Correa Júnior², Anselmo, conhecido como famoso sertanejo, tornou-se figura controversa. Para alguns, um bandoleiro comum que se aproveitou das falhas

¹ Almotacé, oficial "que tinha a seu cargo a administração dos mercados, a distribuição dos gêneros alimentícios à população urbana, a vigilância policial sobre as vias de comunicação, etc". apud Waldemar Ferreira, "História do Direito Brasileiro". Ed. Freitas Bastos, 1951, tomo I, p.118.

² Corrêa Jr., Carmelino. Autor monografias: "Meio século do Distrito de Itirapuã. "Os primórdios do Povoamento do Sertão do Capim Mimoso". "A Sentinela Avançada do Nordeste Paulista". "9 de julho de 1865" e "O Capitão Anselmo". In Fontes Arquivísticas, "Museu Histórico Municipal José Chiachiri". Franca.

*Historiadora. Professora doutora aposentada da FHDSS-UNESP, campus de Franca-SP.

políticas para reclamar e agir com violência. Para outros, foi um idealista e, se assim agiu, foi porque não encontrou outro modo de convencer, senão pela força. "O único mal de Anselmo foi servir-se do capangismo então existente por todo o território nacional."³

O cenário político nacional pós-independência foi muito propício a esses casos de luta armada, rebeliões e outros que atravessaram todo o período regencial (1831-1840), ocasionando uma série de descontentamentos populares em vários pontos do território nacional.

Em geral, essas rebeliões promovidas pelas elites eram mais comuns em áreas onde já se encontravam desenvolvidas a agricultura e pecuária. E, para tal acesso ao poder, precisavam do aval do Estado. É o que vemos nos autores consultados.

Carmelino Corrêa Júnior⁴, em sua monografia sobre Anselmo, descreve muitas vezes fatos ocorridos "ipsis litteris" dos documentos originais, encontrados no acervo do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e Arquivo do Estado. Baseia-se também em relatos de cronistas e memorialistas locais, resgatando uma história factual, extremamente valiosa no que tange aos detalhes do episódio.

Carlos Alberto Bastos de Matos⁵, em "Apontamentos sobre a história da Comarca de Franca", dedica as primeiras páginas do livro sobre o assunto, esmiuçando o "começo das intranquilidades", quando o capitão Anselmo invade a Vila em 1º de janeiro de 1938. Fala ainda das iniciativas tomadas pelo Presidente da Província, Gavião Peixoto, e a instauração de processo contra os rebeldes pelo grave crime de sedição, delito do qual Anselmo era considerado o cabeça.

Outros historiadores, como Affonso José de Carvalho, desembargador, nos informam que o fato gerou um clima de grande intranquilidade na Vila e em toda a região. A morte do Juiz de Paz Manoel Rodrigues Pombo veio confirmar a violência que rondava o local e que a disputa pelo poder entre os dois grupos colocava seus moradores em constante ameaça.

Ainda sobre as fontes consultadas, a dissertação de mestrado de Edna Maria Matos Antônio⁶ traça um perfil histórico

³ Idem, ibidem. P. 10

⁴ op.cit.,

⁵ Juiz aposentado, Comarca de Patrocínio Paulista (SP) autor de *Apontamentos sobre a história da Comarca de Franca*. Franca, março de 2002.

mais crítico e acadêmico sobre o assunto e detalha sobremaneira o período regencial e as revoltas que marcaram o pós-Independência no país.

A inexistência de uma estrutura política democrática e popular, acrescida de uma economia escravista, dificultava mais ainda quaisquer reformas que visassem aos anseios populares.

Dessa forma, revoltas e revoluções que marcavam o período regencial, apenas denunciavam o estado permanente de conflitos em que vivia a Nação. A confusão aumentava porque nem mesmo entre os grupos dominantes havia consenso sobre qual arranjo institucional mais conveniente para seus interesses, nem sobre o papel do Estado na economia. Cinco revoltas provinciais (Cabanagem, Balaiada, Sabinada, Farroupilha e Praieira) ameaçaram a unidade nacional. A Constituição foi alterada (com o Ato Adicional de 1834), a regência passou de Trina a Una e o país, convulsionado, mergulhou na "Crise da Regência". Assim, a Regência terminou com o golpe da maioria articulado pelos liberais e não pelos conservadores.

Sobre esse período, Raymundo Faoro, em sua obra "Os donos do Poder"⁷, expõe de maneira clara o papel do juiz de paz nos sertões, no que diz respeito à atribuição de amplos e importantes poderes, o que, via de regra, acarretava disputa política e prática de autoritarismo.

Mas, voltando às considerações de ordem histórica local, existiam em Franca dois grupos. O primeiro era chefiado pelo capitão-mor Francisco Antônio Diniz Junqueira, pelo capitão Anselmo, seu pai e irmão; o segundo era integrado por Felisbino Antônio de Lima e Luis Gonçalves de Lima e tinha como chefe Antônio Barbosa Sandoval.

As hostilidades tiveram início em razão das eleições de 1836, sobre as quais o Capitão Anselmo, na qualidade de vereador da Câmara, fez denúncia de fraude e, contrariando normas legais, esse grupo novo, o urbano, afasta dos cargos políticos o grupo de Anselmo. Esse gesto provoca indignação geral, redundando em uma série de conflitos. Um dia após seu protesto, as cédulas eleitorais foram incineradas.

⁶ Antônio, Edna Maria Matos. *A Anselmada: A trama de uma sedição (1938)*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da FHDSS-UNESP, Campus de Franca. Franca, SP, 1999.

⁷ Faoro, Raymundo. *Os donos do Poder. Formação do patronato político brasileiro*. Porto Alegre, Globo, São Paulo, EDUSP, 1975.

A primeira invasão se deu em 1º de janeiro de 1838, motivada sobretudo pelo fato de que Antônio Barbosa Sandoval estava exercendo ilegalmente dois cargos, o de juiz e de vereador. E Anselmo exigia que o cargo fosse entregue a seu amigo José Joaquim do Carmo.

Segundo os relatos de cronistas e historiadores locais, durante essas invasões e tumultos, a Vila mais parecia um deserto. As pessoas não ousavam sair de casa, tal o pânico que havia acometido seus moradores.

O motim ocorrido em Franca em 27 de setembro do mesmo ano, também encabeçado por Anselmo, foi seguido de setenta homens armados de espingardas, bacamartes e foices.

Esse bando entrou na Vila aos gritos, apavorando a população e as autoridades, que se sentiram ameaçadas. Em contrapartida, o governo da província enviou 52 praças, 100 homens de infantaria e 30 de cavalaria, de Mogi-Mirim, com o objetivo de restabelecer a ordem e a paz.

Na verdade, o que vinha acirrando os ânimos já exaltados, eram as constantes rixas entre grupos e famílias que detinham o poder. Para a nomeação de cargos, faziam-se comparações em relação às suas origens familiares, grau de instrução e até mesmo bons costumes e civilidade.

"Como líder ou não desta rebelião, o certo é que Anselmo esperava um acordo, já que o combinado com os juízes foi o de que não servissem mais aos seus empregos, e de ninguém dar parte ao governo."⁸

Os acontecimentos foram tomando proporções que aceleraram a desativação do "paço de legalidade", culminando com a morte do juiz deposto, Manoel Rodrigues Pombo.

Segundo o autor citado, no dia 6 de novembro do mesmo ano, o padre João Cardoso, na qualidade de chefe de Polícia, expede uma portaria autorizando o capitão a vir à Vila, socorrer seus habitantes e tentar manter a normalidade, o que significava o triunfo da sedição.

Assim, não aceitando acordos, mas denotando total desacato às autoridades, Anselmo foi tido pelos liberais como "assassino afamado" e resoluto no trato com a coisa pública.

Para outros, os conservadores foram vistos como homens fracos, inclusive o presidente da Província, desembargador Lis-

boa, que mereceu críticas ferrenhas de todos os deputados da bancada liberal da Assembléia, entre eles, Martin Francisco, Antônio Carlos, Nicolau Vergueiro e Rafael Tobias de Aguiar, pela falta de medidas que pudessem conter a rebelião.

Segundo Carmelino Corrêa Júnior, no protesto dos vereadores francanos datado de 18 de janeiro de 1840, "vinham os mesmos reclamar contra a Lei Provincial nº 7 de março do ano p.p. elevando à categoria de Vila a Freguesia de Batatais"⁹. Achavam eles a condecoração injusta e manifestaram-se contra ela. Assim, a sede da Comarca fica sediada na vizinha cidade de Batatais.

Conforme documentos oficiais e posteriormente informações incorporadas à tradição, durante mais de uma década as coisas não se modificaram. Vila Franca do Imperador continuou presa de Batatais. Era o castigo de Anselmo imposto pelo Governo à Vila assim, a sessão do júri teve lugar em começo de novembro de 1839, em Batatais, um ano após os conflitos ocorridos na Vila Franca do Imperador.

As causas da absolvição dos sediciosos são idênticas às do desaforamento dos processos e podem ser resumidas da seguinte forma:

"Não havia crime, ninguém depôs as autoridades; elas é que fizeram."

O juiz que presidiu o Tribunal do Júri foi o Dr. Joaquim Pereira Jorge, ex-Juiz de Órfãos de Santos, depois transferido para a 6ª Comarca da Província de São Paulo, a "Comarca Tripla", comportando três vilarejos, Mogi-Mirim, Batatais e Franca.

O fato é que essa disputa política da qual o povo não participou mostra claramente as rivalidades de dois grupos antagônicos que brigavam pelos cargos políticos locais.

O processo criminal pela invasão de 27 de setembro tem início em 12 de outubro de 1839 na Vila de Batatais, e a sentença final do juiz foi a seguinte:

"Absolvo o Reo Anselmo Ferreira de Barcelos, dê-se-lhe baixa na culpa, seja solto não estando por al prezo, abraço-se as competentes clarezas no rol dos culpados e onde mais convenha, e sejam as custas pagas pelo cofre da municipalidade.

⁸Matos, Carlos Alberto Bastos de. Op. Cit., p.16.

⁹Corrêa Jr., Carmelino. Op. Cit..

Salla Publica das Sessões do Jury na Vila de Batatais aos 15 de novembro de 1839. Joaquim Firmino Pereira Jorge."¹⁰

Podemos assim concluir que, como bandido ou herói, Anselmo teve seu espaço de ação marcando um momento político conturbado da Nação. Muitos outros tiveram seu destaque, em diferentes regiões do país.

As especificidades da Anselmada revelam as características e tensões políticas peculiares de Franca e região, naquele momento histórico. O certo é que seu nome ficou registrado na história da cidade. É lembrado como nome de uma rua e gravado no brasão de armas da cidade.

GONÇALVES, Mildred Regina. The Anselmada: rebellion and local conflitecs. AMICUS, Batatais-SP, Ano 5, Nº 9, pp.43-49

ABSTRACT: The Anselmada was a rebellion occurred in Franca in 1838, leaded by Anselmo Ferreira de Barcelos. For the expertises in the history of Batatais, this issue, which was already registered in the article by João Carlos Bianco (AMICUS vol. 1, p. 45-60, 2000), always deserves further considerations. In the present article, analyzes and discussions on the facts by other authors are reviewed and presented.

KEYWORDS: rebellion, political disputes, factions.

BIBLIOGRAFIA

ANTÔNIO. Edna Maria Matos. A Anselmada : a trama de uma sedição (1838). Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da FHDSS da Universidade Estadual Paulista, UNESP, Franca, 1999.

As Anselmadas. (mimeo). Trabalho realizado por um grupo de alunos da Escola Estadual de 1º e 2º graus " Torquato Caleiro" de Franca, 1ª ed., Franca, São Paulo, 1980.

CARVALHO, Affonso José de. Esboço de História e Costumes. In. *Almanaque Histórico de Franca*. Obra de compilação histórica do Município em seus variados aspectos. (org.) Hygino Andrade do Nascimento Eufrauzino Moreira. Franca, São Paulo, 1943.

CORRÊA JÚNIOR, Carmelino. (monografias) mimeo : Capitão Anselmo Ferreira de Barcelos. *Coletânea de Documentos*. Franca, São Paulo, 1963.

¹⁰ Processo da morte de Juiz de Paz Pombo, p.17. In. Antônio, Edna Maria Matos. Op. Cit.

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder. Formação do patronato político brasileiro*. Porto Alegre , Globo, São Paulo, EDUSP, 1975.

MATOS, Carlos Alberto Bastos de. *Apontamento sobre a história da Comarca da Franca*. Franca, São Paulo, Março, 2002.

BATATAIS NAS MEMÓRIAS DE PLÍNIO VIANNA

José Carlos de Medeiros PEREIRA*

RESUMO: Memórias de Plínio Vianna, referentes a Batatais de seu tempo, relatadas por ele em seu livro *Memórias de um Autodidata*.

PALAVRAS-CHAVE: Batatais antiga, memórias, Plínio Vianna.

Plínio Ramos Vianna foi um batataense que, durante sua vida, exerceu um bom número de atividades: gráfico, jornalista, proprietário de jornal, gravador, desenhista, escultor, pintor, escrivão de polícia, despachante policial, encadernador de livros e proprietário de fábrica de brinquedos (onde não era só empresário, mas criador e mesmo artesão). Ele publicou um interessante livro, em 1984, intitulado *Memórias de um Autodidata*, pela Editora Vitória. Nele conta sua vida, com muitas idas e vindas de e para Batatais e, sobretudo, sua atividade artística. Neste pequeno artigo vamos, tão-somente, mencionar algumas partes de suas memórias voltadas para suas revelações sobre fatos e pessoas de seu tempo. Ou seja, não trataremos especificamente de sua biografia.

Ele afirma que nasceu no dia 26 de março de 1903 numa chácara de propriedade de seu pai, que ficava na Rua Sete de Setembro, nº 28. Seus pais se chamavam Francisco Pereira Vianna e Leocádia Ramos Vianna. Segundo ele, Francisco tinha uma fábrica de sabão em barra às margens do córrego do Matadouro Velho, na estrada que demanda o Ribeirão Tomba-Carros. Depois de sua atividade de fabricante de sabão, o pai montou, na chácara de sua propriedade, um engenho de cana tocado por animais. Diz Plínio que lá se produzia garapa que era vendida aos fregueses como se vendia leite: engarrafada e conduzida em carrinhos pelas ruas da cidade.

Plínio fala de suas lembranças de menino. Diz que se lembrava bem dos bailes que eram realizados nas fazendas Morada e Guariba por ocasião dos enlaces matrimoniais dos filhos dos

*Doutor em Sociologia, livre-docente em Medicina Social e professor associado aposentado da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, da USP.

proprietários. As estradas de terra se transformavam em passarelas de elegantes carros de praça. Mas não eram ainda automóveis, e sim carros puxados por animais de tiro. Diz que de seu quarto, na Rua Sete de Setembro, dava para ouvir o canto de seriemas nos campos próximos, a algazarra de macacos guaribas vindos da Fazenda de igual nome e que, depois, ficou conhecida como das Araras, e presenciar a revoada dos pássaros-pretos.

O autor revela que nas peladas disputadas nas ruas e praças de Batatais ele teve como companheiros o futuro editor José Olympio Pereira, Rurik de Castro Prado, que foi gerente do Banespa, seu irmão Nelson Freire Vianna, apelidado de Sussu, seus primos Francisco e Fernando, Ademar Luchesi, apelidado de Marico, Euclides de Oliveira (Benzinho), Botão, Benedito Lucas, Dante Rosada, Torquato Pereira (Totó) e muitos outros.

Segundo Plínio, vários tipos populares vagavam pelas ruas da cidade. Ele cita Varistão, que estava sempre bêbado, comandando um batalhão imaginário; João Viola, sineiro da Matriz; Lica, cega que tinha um cachorro amestrado; Tia Paulina das Flores, que ficava dançando na esquina da Maçonaria; Rebeca e Alcina, que ficavam no pátio da Cadeia, e, finalmente, um tipo bem interessante: Maria Pulcina. Esta última, quando ouvia um menino batendo palmas para ela, erguia a saia até a cabeça, em resposta.

Ele cita a existência de uma escola noturna, do Prof. Júlio Almeida. Refere-se à Casa Minerva, onde começou como aprendiz de tipógrafo, que pertencia aos Irmãos Barbosa.

Como em outras cidades, também em Batatais existiam rivalidades entre bairros. As maiores eram entre os moradores da cidade e os do Castelo. Chegava a haver lutas corporais entre eles, exigindo, inclusive, a intervenção da polícia. Certamente essas lutas eram entre moleques, porque Plínio diz que os lutadores se valiam de espadas de bambu, bодоques, estilingues. O campo de batalha era a ponte sobre o córrego que separa os dois lados da cidade. Diz ele que, uma vez, um menino do Castelo estava vendendo doces na Praça da Matriz. Os da cidade derrubaram o tabuleiro do coitado, onde ele levava seus doces. A banda da Euterpe vinha se aproximando, combolando políticos, entre os quais Altino Arantes. O Dr. Altino teria consolado o menino, dando-lhe alguns trocados.

No tempo de menino de Plínio, a Igreja Matriz estava sendo reconstruída. Existia a Capela do Rosário, onde fica a Praça Washington Luís, mas não existiam a Capela de Santo Antônio nem a da Santa Cruz. No lugar onde fica esta última havia um cruzeiro, onde os fiéis acendiam velas e rezavam.

O comércio de Batatais era pequeno. Nosso autor menciona a existência das seguintes casas comerciais: Ao Queima, Casa da Mangueira, Casa do Tito, M. Costa, Marieta Bonvini, Casa Coutinho, Casa Heitor Arantes, Casa Scatena, Romeu Coraucci, Antônio Simioni, Hotel Portela, Farmácias Moretson, Fernando e Caetano Machado. No setor educacional, além do Grupo Washington, ele menciona três escolas particulares: São José, Nossa Senhora Auxiliadora e Soares Júnior. Casas de diversão existiam o Teatro São Carlos, o Santa Cecília e o Politeama, este no Castelo. Indústrias eram poucas: a fábrica de cerveja e guaraná "La Toscana", de propriedade de Carlos Sebastiani, um curtume e uma selaria, esta de seu tio Alfredo Vianna. Havia um Posto Zootécnico, duas máquinas de beneficiar arroz, dos senhores Bonfá e Biagi, e outra de beneficiar café, de seu tio Nelson Vianna.

Diz Plínio que em 1915 ele fazia parte do quadro infantil de futebol do Batatais F.C. Seu time disputava muitas partidas contra o do Colégio São José, que tinha verdadeiros craques como Coracini, Paulo Lima, Menezes e outros. Numa das partidas disputadas o quadro infantil do Batatais tinha a seguinte formação: Vicente Suzana, Manuel Tofetti e David Spósito; Bororó, Bondinho e Pipi (apelido dele, Plínio Vianna); na linha jogavam Lopes, Fernando e Chico Vianna, Chico Faggioni e Adatauto de Oliveira. Derrotado anteriormente por 4 a 3, seu time, dessa vez, teria ganhado por 5 a 1, mesmo jogando com 10, porque Chico Faggioni teria quebrado o braço numa "cama de gato" de um dos jogadores do São José. O autor ainda informa que, em Batatais, havia bons jogadores como Zico, que tinha o cognome de "Beija-Flor", e também de "Menino de Ouro", além de Romãozinho, Baleira, Campeão, Corimba e outros.

Plínio Vianna dá a escalação do time do Batatais F.C. sem mencionar a data em que ele era assim formado: Zico, Romão e Parreiras; Meireles, Orlando e Pepino Lazzarini; na linha jogavam Joaquim Victor, Heitor Rossini, Chico, Gradim e Bruno Coraucci. No banco de reservas ficavam Bruno Sebastiani, Lopes, Pedro Boareto, Antônio Nenê, Ouvidinho, José Correia, Vicentão e outros mais.

Outro time importante da cidade era o do Riachuelo F.C. Sua escalação era a seguinte: Francano ou Guilherme Lavagnoli; Jácomo Pesente e João Gasparini; Joaquinho Degani, Campeão e Ico Sibim; na linha jogavam Ângelo Segala, Marcílio, Baleira, Baqueta e Curimba. Os reservas eram Joaquim Pretente (sic; talvez fosse Pesente), José Velho, Heitor Rizzato, Dal Secco e mais alguns. Outros times de futebol existentes na cidade eram os seguintes: O São Bento, de Geraldo Lima; o Rancheira, de Gradim; o São Cristóvão, do Bruno Sebastiani; o Ginásio São José, o da Chácara dos Vianna e os dois infantis dos quadros principais. Esses times disputavam um torneio no campo do Batatais F.C.

Por volta de 1916, Plínio Vianna deixou a cidade para trabalhar em jornais de Ribeirão Preto. Voltou a Batatais em 1922 para trabalhar como gerente gráfico da *Gazeta de Batatais*, da qual se tornou proprietário mais tarde. Diz ele que, nessa época, o Clube 14 de Março funcionava no salão do Cine Santa Cecília.

Nessa função de gerente gráfico, Plínio menciona o que achou um caso interessante. O diretor redator era o Prof. Francisco Augusto Nunes. Redigiu um artigo no qual elogiava o Juiz de Direito da Comarca, o Dr. Francisco Cuba dos Santos. Encontrando-se com o Juiz, Nunes lhe perguntou se gostara do artigo. Ele afirmou que sim, mas que não gostara, francamente, como o jornal havia separado as sílabas de seu nome Cuba. O episódio o faz lembrar que havia em Batatais um dentista que era conhecido de todos como Bá.

Logo em seguida, Plínio sai de Batatais novamente. Morou em Ribeirão Preto, Casa Branca e, sobretudo, em Franca. Só voltou à terra natal em 1934. Segundo conta, nos três anos seguintes confeccionou, para os desfiles carnavalescos, os carros alegóricos da Sociedade Italiana. Tornou-se também encadernador de livros. Decorou teatros, cinemas, fez o pano de boca para a inauguração do Cine Santa Helena e executou inúmeras telas para pessoas de Batatais, inclusive retratando-as. Em 1936 (ou 1937, não fica claro), adquiriu o jornal e as oficinas da *Gazeta de Batatais*. Como dono desse jornal, promoveu a primeira Corrida de São Silvestre da cidade. Mais tarde instalou uma fábrica de brinquedos na Rua Duque de Caxias.

Depois dessas informações sobre Batatais, Plínio, em seu livro, dedica-se mais a falar de seus trabalhos como artista. Deles, porém, embora não tenhamos o propósito de tratar aqui, não

me furto ao menos do registro abaixo, do quadro do Monsenhor Joaquim Alves Ferreira, executado em 1931.



Plínio Ramos Vianna foi um homem imensamente prestante à sua cidade e à região. Sua atividade como artista foi muito grande. Merece que alguém dela trate. Também merece, creio eu, que seu nome seja dado a uma das ruas da cidade.

PEREIRA. José Carlos de Medeiros, Batatais in the memories of Plinio Vianna. AMICUS, Batatais-SP, Nº 9, ano 5, 2004, pp.50-54

ABSTRACT: Memories of Plínio Vianna, referring to Batatais of his time, told by him in his book *Memories of a Self-educated man*.

KEYWORDS: Batatais old, memoirs, Plínio Vianna.

BIBLIOGRAFIA

VIANNA, Plínio Ramos. *Memórias de um Auto-Didata*. S.L. Editora Vitoria, 1984.

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

A "CALIFÓRNIA BRASILEIRA" EM PERSPECTIVA: UM ESTUDO SOBRE A EVOLUÇÃO POLÍTICA RIBEIRÃO-PRETANA

WALKER, Tomas W. e BARBOSA, Agnaldo de Sousa. **DOS CORONÉIS À METRÓPOLE: fios e tramas da sociedade e da política em Ribeirão Preto no século XX**

Karina Elizabeth SERRAZES*

Nas ruas, praças e monumentos de nossas cidades estão imortalizados nomes de pessoas, lugares e acontecimentos marcantes de nossa história, fragmentos de um passado que a memória deixa escapar. Muitos desses, ditos, lugares de memória referem-se a fatos e personalidades da história política do país, nas esferas nacional, estadual ou municipal. Mas, apesar dessa tentativa de preservação da memória, continuamos sabendo muito pouco sobre a atuação dessas pessoas, ou sobre o funcionamento das organizações partidárias e da articulação entre as instâncias políticas: local e supralocal.

Muitas dessas questões podem ser esclarecidas a partir de estudos regionais e locais que analisam as problemáticas numa perspectiva mais reduzida, mas dialogando com as articulações entre a micro e a macro-história como, por exemplo, a publicação *Dos coronéis à metrópole: fios e tramas da sociedade e da política em Ribeirão Preto no século XX*, de Tomas W. Walker e Agnaldo de Souza Barbosa, que analisa a evolução política da cidade paulista de Ribeirão Preto, mas também aborda questões mais amplas, como a relação orgânica entre os fatores políticos e socioeconômicos e a interação entre as políticas nacional, estadual e local.

Esse estudo divide-se em duas partes, sendo a primeira de autoria do brasilianista Thomas W. Walker, Ph.D. em Ciências Políticas e diretor do Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Ohio (EUA), que realizou sua pesquisa em Ribeirão Preto durante 14 meses, entre os anos de 1970-1971, com financiamento da Fundação Ford, no intuito de reunir dados para sua tese de doutorado, intitulada "Do coronellismo ao populismo: a evolução política em um município brasileiro-

* Mestre em História e professora da rede estadual de ensino.

Ribeirão Preto/SP, 1910 – 1960, trabalho que deu origem a essa publicação.

Thomas W. Walker pesquisou em diversos locais da cidade de Ribeirão Preto, entre eles, os acervos do Arquivo Público Municipal, o Arquivo da Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto (ACI), o Arquivo do IBGE, da Legião Brasileira, do Museu do Café, da Prefeitura e da Câmara Municipal, onde teve acesso a uma variedade de fontes, como os documentos oficiais, leis, atas, orçamentos, relatórios e censos, além dos periódicos *A Cidade*, *O Correio da Tarde*, *O Diário da Manhã* e *O Trabalho*, que lhe forneceram muitos dados e possibilitaram a elaboração de tabelas com informações quantitativas sobre as receitas e despesas do município, a população e os vereadores eleitos entre os anos 1910 - 1960.

O autor também realizou entrevistas com pessoas da cidade, como Maria Conceição "Sinhazinha" Junqueira Ferraz, Antônio Duarte Nogueira, Divo Marino, João Marzola, Wilson Roselino, dentre outros, e buscou conhecer a origem e os primórdios de Ribeirão Preto, a partir dos trabalhos de memorialistas, romancistas e estudiosos da história local, como Prisco da Cruz Prates, Rubem Cione e João Rodrigues Guião, objetivando contextualizar a pesquisa e reconstituir as transformações socioeconômicas e políticas vivenciadas pela localidade.

A definição do período da pesquisa, segundo o autor, resultou da limitação das fontes, anteriores a 1910, e do regime político vigente na década de 70, que inviabilizava um estudo sobre a evolução política, num período posterior ao golpe militar de 64. De modo que o trabalho enfocou as transformações socioeconômicas e políticas ocorridas no Brasil, e particularmente em Ribeirão Preto, no período denominado República Velha (1891-1930), na Era Vargas (1930-1945) e na Nova Democracia (1945-1964).

De acordo com Thomas W. Walker, na República Velha, Ribeirão Preto usufruía de uma posição econômica e política privilegiada, devido ao enriquecimento dos fazendeiros de café e a influência que os mesmos tinham no cenário político local e supralocal, pois, nesse período, predominava a prática política coronelista, em que o chefe político local estava no centro das decisões. Entre esses chefes políticos figuravam Francisco

Schmidt, fazendeiro de origem alemã, e Joaquim "Quinzinho" da Cunha Junqueira, representante de uma família tradicional e de grande prestígio na cidade.

Nos primeiros anos da república, esses dois chefes políticos disputaram o poder na cidade de Ribeirão Preto, e um dos momentos mais importantes desta disputa foi a campanha civilista de 1910, em que Francisco Schmidt apoiou Rui Barbosa e Quinzinho Junqueira apoiou Hermes da Fonseca, o candidato que saiu vitorioso. Essa disputa se manteve até 1920, quando Schmidt se mudou da cidade, deixando Quinzinho Junqueira como o "*verdadeiro e incontestável chefe do aparato local*". As articulações entre as instâncias, local e supralocal, se davam por meio da diretoria do Partido Republicano Paulista (PRP), geralmente presidida pelo chefe político, que direcionava as indicações de funcionários e candidatos a eleições e garantia a troca de favores.

E mais, segundo os dados coletados por Thomas Walker, o vereador ribeirão-pretano típico desse período era branco, católico, casado, de sobrenome português e profissão fazendeiro, profissional urbano ou homem de negócios e que, normalmente, possuía títulos honoríficos, demonstrando o predomínio de uma política elitista.

Esse caráter elitista da política começou a se transformar no final da República Velha, com a diversificação das atividades econômicas e o aumento gradativo do número de eleitores e de representantes dos grupos menos privilegiados em cargos eletivos. Entretanto, apesar dessa expansão da representatividade de outros grupos sociais, a política do período Vargas, principalmente após o Movimento Constitucionalista de 1932, caracterizou-se pela tentativa de conciliar interesses e conseguir o apoio da elite paulista tradicional, mantendo alguns de seus representantes em cargos estratégicos, como foi o caso do prefeito de Ribeirão Preto, Fábio de Sá Barreto, que ficou conhecido pelos projetos de embelezamento da cidade.

Nesse período o município ficou submetido ao controle do Departamento Estadual de Administração Municipal (DAM) e sua influência nos sistemas federal e estadual foi bastante reduzida; e mesmo nos anos da Nova Democracia (1946-1964), quando os municípios conseguiram maior autonomia no campo tributário e novos programas de divisão da receita, que fizeram aumentar a arrecadação, o aspecto político supralocal não alcançou grande

destaque e manteve-se baseado em relações de mútuo benefício, como foi o caso da aprovação do projeto de uma Faculdade Estadual de Medicina em Ribeirão Preto, inaugurada em 1952.

Dessa forma, o estudo de Thomas Walker faz um retrospecto de 50 anos da história de Ribeirão Preto, demonstrando seu acelerado processo de desenvolvimento econômico, que lhe rendeu o atributo de "Califórnia Brasileira", bem como o processo de transformações políticas que, gradativamente, ampliou a representatividade dos setores menos privilegiados da população e reduziu a influência do município nos sistemas estadual e federal.

A segunda parte dessa publicação resultou de um estudo realizado entre os anos de 1999-2000, por Agnaldo de Sousa Barbosa, Mestre em História e Doutorando em Sociologia, pela Unesp-Araraquara, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, que analisa o desenvolvimento socioeconômico de Ribeirão Preto, a partir da década de 60, e traça um panorama das transformações políticas das últimas décadas, que tornaram a cidade de Ribeirão Preto uma referência do interior paulista, caracterizada pelo intenso volume de negócios nos setores da agroindústria e do comércio, dentre outros, e pela diversidade do setor de serviços, que atende não apenas à população local, mas a toda a região.

Agnaldo de Sousa Barbosa analisa também o discurso do progresso e da modernização, que acompanhou o desenvolvimento econômico da cidade, as atividades da FALN – Forças Armadas de Libertação Nacional, na década de 60, e a atuação de políticos como Welson Gasparini, João Gilberto Sampaio e Antônio Duarte Nogueira, que figuravam no cenário político durante o período militar.

Além disso, o autor salienta o processo de transição democrática em Ribeirão Preto, que possibilitou o crescimento das forças de oposição e imprimiu uma nova dinâmica política na cidade, exemplificada pela vitória de Antônio Palocci Filho, do PT, em 2000, apoiado por uma ampla coligação centro-esquerda. E, saudosamente, Ribeirão Preto anuncia novos tempos..., pois essa tendência política se confirmou nos anos seguintes, em todo o país, com a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva para a Presidência da República, assessorado por Antônio Palocci Filho, ministro de seu governo, mas isso já é outra história ...

ÍNDICE DE AUTORES

BALTAZAR, Alessandra	7
CARDOSO, Walter	22
FREITAS, Nainôra Maria Barbosa de	39
GONÇALVES, Mildred Regina	43
PEREIRA, José Carlos de Medeiros	50
SERRAZES, Karina Elisabeth	55

NORMAS PARA A APRESENTAÇÃO DE ORIGINAL

A Revista AMICUS publica trabalhos inéditos, relativos principalmente a Batatais e região. Os textos serão redigidos de preferência em português.

Recomenda-se que os artigos apresentem os seguintes itens:

Título, autor(es), qualificação do(s) autor(es), *Resumo*, (de no máximo cinco linhas) e cinco *Palavras-chave*, antecedendo o texto. Sucedendo a este, *Abstract* e *Keywords*. Completam o texto, sucedendo-o: *Referências Bibliográficas* (obras citadas no texto) e *Notas*, para esclarecimentos considerados necessários. Utilizá-las o mínimo possível e numerá-las na entrelinha superior do texto.

Os textos deverão ser digitados em Word, em letra Verdana, tamanho 10, espaço simples e apresentados em duas cópias e em disquete de 3/2", com cópia das ilustrações.

Os dados e conceitos emitidos nos trabalhos, bem como a exatidão das referências bibliográficas, são de inteira responsabilidade dos autores. Os trabalhos que não se enquadrarem nessas Normas para a Apresentação de Original serão devolvidos aos autores.

Além dos artigos, a Revista AMICUS terá, entre outras, as seguintes seções: Arquivos, Bibliotecas e Museus, Genealogia, Entrevistas, Memórias, Noticiário, Resenhas e Teses, além de outros textos, considerados compatíveis com os objetivos da Revista.

Maiores esclarecimentos acerca das normas de apresentação de original serão prestados pelo Conselho Consultivo de Publicações.

E-mail: amicus@netsite.com.br